

Catálogo, Págs.

~~55~~

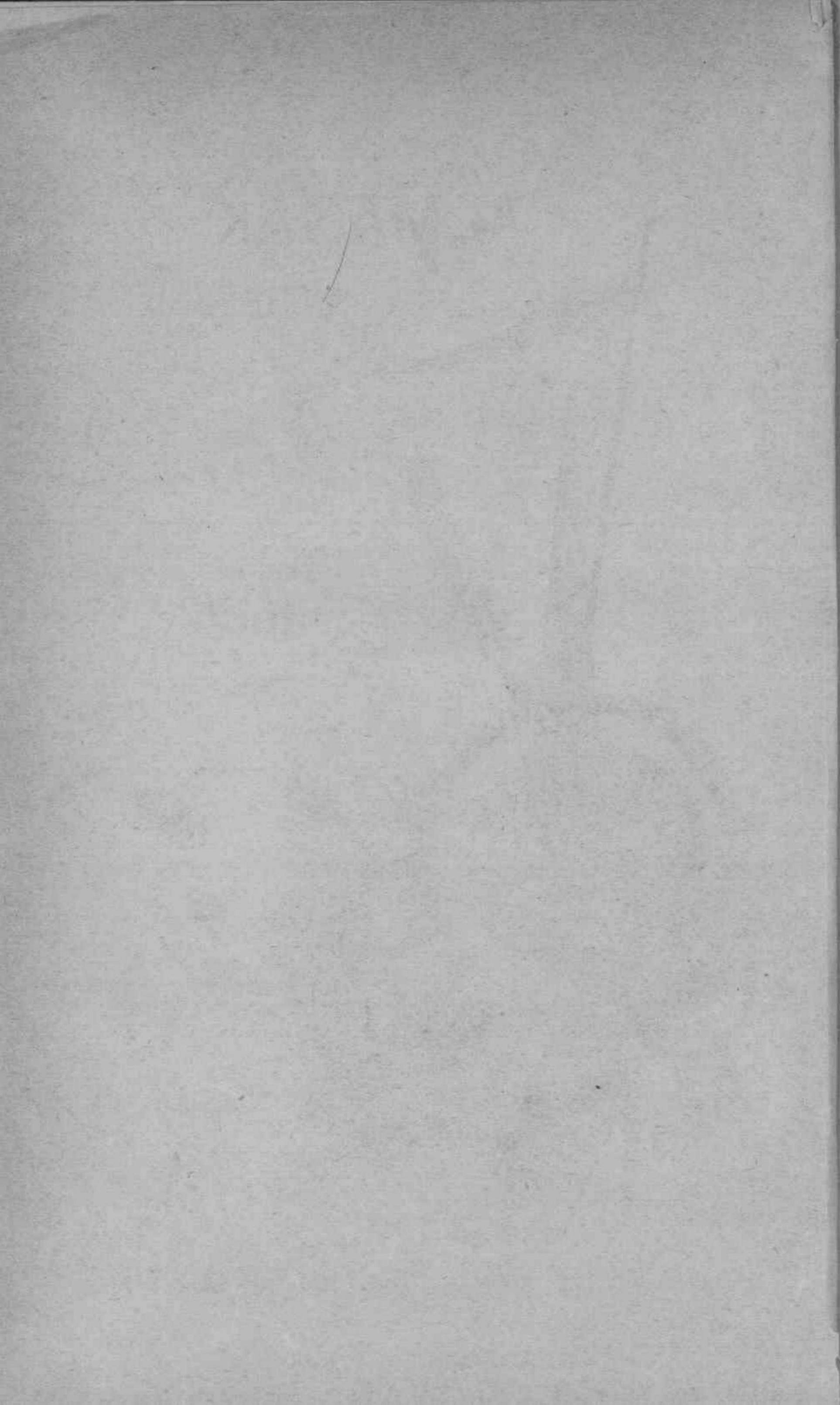
154

Est



À BEIRA MAR





648

Reg. no 623.

ALMANAK

AVEIRENSE

PARA



BIBLIOTECA

municipal de aveiro

1896

FUNDO
LOCAL



000623



MINERVA CENTRAL

DE

José Bernardes da Cruz

42, RUA DOS MERCADORES, 46—**AVEIRO**

1895





CONVIDANDO-ME alguem para fazer o artigo de abertura d'este almanach, agradecei reconhecido a honra que me

foi dada e acceitei este encargo por uma razão duplamente simples: — porque tenho o prazer de cá estar em baixo para conhecer os que entram e porque d'este modo me vejo livre das etiquetas lá de cima.

O logar de honra é lá para dentro e o mais inferior é no patamar da escada, precisamente onde é o meu posto. Ora aqui está a razão porque estou muito contente com o logar que me deram.

A publicação de um almanach em Aveiro é caso para louvar, e digo isto porque o que hoje se publica não me pertence, aliaz não faria elogios a mim proprio. Não que o que se imagine que deixo de ser modesto, eu que tenho uma antipathia invencivel pelos pedantes.

A publicação de um almanach differe da publicação de um jornal no seguinte: — o jornal é um Hercules, quando não é um Erostrato qu lquer a conquistar ce'ebriedades, a fiar na roca de duas mulheres, e d'ahi vem naturalmente o ciume entre o publico e a politica que dá com o jornal em terra, pelos menos momentaneamente, enquanto que o almanach põe a politica de parte e só trata de fiar, como o celebre heroe da mythologia grega, perante a sua adorada Omphale, que, para o caso em questão, é o publico.

A roca em que nós hoje começamos a fiar não será objecto de ciumes porque não os temos nem os queremos. Tambem não será destinada á conquista da immortalidade. Se o incendiario do templo de Diana, em Epheso, conquistou um canto da historia, tambem nós ficámos sabendo que o seu nome ficou como synonymo de vaidade e de velhacaria.

Não temos pretensões a viver além das aguas furtadas. Lá em cima, os ventos são mais fortes e podem atirar connosco em algum charco, com grande gaudio dos crocodilos. Foi assim que aconteceu a esse pobre diabo que se chamou Erostrato, cuja vaidade o levou a incendiar um templo que foi uma das sete maravilhas do mundo.

E' por tudo quanto tenho dicto que se me affigura um bom futuro para o almanach que vai publicar-se, e oxalá que estas palavras não deixem de ser uma prophecia. Isto de a gente morrer ao nascer não é das melhores coisas. Deixem que a creança viva, que abra os olhos, que estenda os braços, que complete o cerebro, que desenvolva os musculos. Para outra coisa, mais vale não ter nascido.

*
* *

Este almanach é uma bella manifestação de Lettras, Arte e Sciencia. Não é uma pretenciosidade; é uma realidade.

Aveiro não é só uma terra de tradições, um velho ninho de aguia; um nucleo apagado de heroes. As ondas do oceano avançam para as areias da praia, quebram-se arqueadas e voltam atraz para engrossar novas ondas. São assim as gerações. O passado revolveu-se, quebrou e voltou a engrossar o presente. E' o influxo e refluxo do nosso movimento social e intellectual.

Na parte litteraria, não pôde ser mais feliz, a não ser na parte que me compete, mas, como já disse, occupo um logar mais secundario. Não serei eu que o digo. A critica principal de

uma obra está no merito intrinseco e extrinseco da mesma obra. To'os reconhecerão que as produções litterarias d'este almanach, a'ém de serem perfeitamente ineditas, não são simples rosas de Malherbe que teem a existencia ephemera de um dia.

Na parte artistica, é o que todos podem vêr:—uma excellente manifestação de actividade intellectual. N'este almanach, Aveiro prova com toda a evidencia as suas aptidões artisticas. Se o meio fosse mais complexo e mais amplo, em gravura e em desenho, poderíamos dar leis com verdadeira auctoridade.

Não estou a e'ogiar uma coisa que se não vê. A obra é evidente, e a analyse patenteia-se a todos. Sendo publica, está sujeita a critica. A meu vêr, a publicidade do almanach define os meritos da sua parte artistica.

Na parte scientifica tambem não fica atraz. E, senão, vejam. O nome dos seus collaboradores é uma garantia segura d'esta affirmativa. Quasi todos são auctores de trabalhos de grande valor e, se não está n'isso o elogio, as produções que aqui são publicadas são a prova do que affirmo. A mythologia conta-nos que o trigo conservado pelos Pharaós nos tumulos das Pyramides podia germinar no fim de 8 ou 10:000 annos. Pois tambem me parece que as produções scientificas d'este almanach, no fim de muitos annos, ha de germinar e crescer. Eu sei que *le monde marche*, como disse Peletan, mas tambem sei que o refluxo da sociedade e das coisas vae engrossar o fluxo das sociedades e das coisas futuras. Este assumpto valle um poema, mas para mim, que o não posso fazer, valle a prova da sua verdade que o leitor saberá avaliar.

*
* *

Do que eu agora me ria, sei eu e sabe-o o leitor, com certeza. Imaginem que o proprietario d'este almanach chegava ao pé de mim e me pedia o *Juizo do anno*.

E o melhor da passagem, como diria um dos nossos mais distinctos estadistas, é que não estou livre d'esta bucha que, á queima roupa, é de deixar um homem abananado, com grande gaudio de Leon Hermoso, o famigerado *saragoçano*.

Pois procurarei desarmar o combate.

O anno de 1896, que começa a uma quarta-feira, ha de ter 366 dias, por uma razão que eu vou dizer:—porque é bissexto. E é bissexto porque, dividindo-se por 4, não deixa resto algum.

Teremos, pois, o mez de fevereiro com 29 dias.

A respeito das alterações atmosphericas, poderia dizer alguma coisa de 1895, até á data em que escrevo estas linhas, mas, a respeito de 1896, só poderei escrever no dia 1 de janeiro de 1897, logo de madrugada, se quizessem urgencia e verdade.

Eu, confesso, é o que poderia fazer. Com um anno de atraze, faria um *Juizo do anno* mais exacto que o dos melhores Bandarras d'este mundo, para aquelles que não admiltem o scepticismo, é claro. E tambem pódem acreditar que o faria com muito gosto se todos os leitores d'estas linhas me podessem lêr, sem nunca envelhecermos, até ao anno 3000 da hera christã.

Que grande pandega nós faríamos n'esse anno!

Agora a sério.

Não se preocupem com a falta do chamado *Juizo do anno*,

porque, melhor do que isso, encontrarão os leitores, no decorrer da nomenclatura dos mezes, os ensinamentos que lhe são precisos. Os Bandarras já acabaram.

A idealisação piegas d'outros tempos, com pretensão a espirito, foi substituida pela sciencia positiva e pratica. O que é, é.

Os cultos pagãos, os que admittiam as prophecias dos oráculos, desappareceram com as alvoradas da civilisação. O enxuro levou, na sua impetuosidade de serpente ferida, segundo uma phrase empregada já por mim ou por outro, as sybillas que davam leis aos povos, com os olhos fitos no ouro que lhe cabia nos bo'sos.

Hoje, os tempos mudaram. Com a luz, acabaram as superstições. E' o triumpho do positivismo.

Bacon e Descartes lançaram os alicerces; Newton e Gallileu continuaram o edificio; Augusto Conte e Stuart Mill reforçaram a obra; a sciencia do futuro ha de terminal-a, sem o pessimismo d'uns e sem o optimismo d'outros.

*
* *

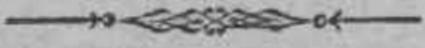
Creio ter dicto alguma coisa sobre o merito d'este almanach. Se não correspondi, como desejava, a mim só me resta dizer que cada um dá o que tem.

Eu não sei se alguém teve a condescencia de me lêr. No caso affirmativo, agradeço muito reconhecido a deferencia e peço que entrem lá para dentro, onde poderão satisfazer a sua expectativa.

Accaent Rays



SIGNAES DE INCENDIO DE AVEIRO



GLORIA

- 4—*Alboi e Santos Martyres.*
- 5—*Espirito Santo, Cimo de Villa, Rato, Olarias e Bairro Novo.*
- 6—*Centro da freguezia.*

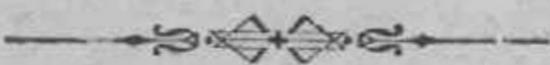
VERA-CRUZ

- 7—*Pescadeiras.*
- 8—*Gravito, Sá e Estação.*
- 9—*Centro da freguezia.*

-
- 2—*Chamar bombeiros a quartel.*



SIGNAES DE INCENDIO DE ILHÁVO



PRIMEIRA ZONA

- 4—*Malhada, Alqueidão, Rua José Estevão, de Vasco da Gama, Lagoa e Cásal.*

SEGUNDA ZONA

- 5—*Rua Nova, Rua Serpa Pinto, João de Deus e Arnal.*

TERCEIRA ZONA

- 6—*Rua de Camões, Rua de Santo Antonio, Praça, Rua Direita, Fontoura e Cimo de Villa.*

LOGARES

QUARTA ZONA

- 7—*Chousa Velha, Apeada, Vista-Alegre e Soalhal.*

QUINTA ZONA

- 8—*Ermida e Carvalheira.*

SEXTA ZONA

- 9—*Valle d'Ilhavo e Moutas.*

SETIMA ZONA

- 10—*Moutinhos, Preza e Legua.*

OITAVA ZONA

- 11—*Corgo-Commum, Coutada e Ribas.*

-
- 2—*Chamar bombeiros a quartel.*

CHRONOLOGIA

COMPUTO ECCLESIASTICO

Aureo numero.....	16
Indicação romana.....	9
Cyclo solar.....	1
Letra dominical.....	ED
Espacta.....	XV

TEMPORAS

Fevereiro.....	26, 28 e 29
Maio.....	27, 29 e 30
Setembro.....	16, 18 e 19
Dezembro.....	16, 18 e 19

FESTAS MOVEIS

Septuagesima a 2 de fevereiro.
Cinza a 19 de fevereiro.
Paschoa a 5 de abril.
Ladainhas a 11, 12 e 13 de maio.
Pentecostes a 24 de maio.
SS. Trindade a 31 de maio.
Corpo de Deus a 4 de junho.
Coração de Jesus a 12 de junho.
Domingo 1.^o advento a 29 de novembro.

ESTAÇÕES

Primavera a 20 de março.
Estio a 20 de junho.
Outomno a 22 de setembro.
Inverno a 21 de dezembro.

BENÇÃOS MATRIMONIAES

Todos os dias do anno, excepto desde quarta-feira de Cinza até ao primeiro domingo depois da Paschoa, e desde a 1.^a dominga do Advento até dia de Reis, em que são prohibidas.

ECLIPSES DO ANNO

No anno de 1896 haverá quatro eclipses, sendo dois do Sol e dois da Lua.

1.^o Eclipse annular do Sol no dia 13 de fevereiro, invisivel em Aveiro.

Começa o eclipse á 1 h. e 17 m. da tarde.

2.^o Eclipse parcial da Lua no dia 28 de fevereiro, parte visivel em Aveiro.

Começa ás 4 h. e 39 minutos da tarde.

3.^o Eclipse total do Sol no dia 9 de agosto, invisivel em Aveiro.

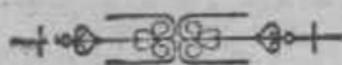
Começa o ec'ypse ás 2 h. e 7 m. da manhã.

4.^o Eclipse parcial da Lua no dia 23 de agosto, parte visivel em Aveiro.

Começa ás 3 h. e 31 m. da manhã.

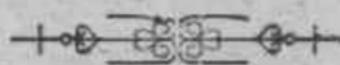
1.º Mez—**Janeiro**—31 dias

- 1 ✠ Quarta. Circumcisão do Senhor. S. Fulgencio, B. Grande gala.
- 2 Quinta. S. Izidoro, B. M.
- 3 Sexta. S. Anthero, P.
- 4 Sabbado. S. Gregorio, B. S. Tito.
- 5 Domingo. S. Simeão Estelita.
- 6 ✠ Segunda. Dia de Reis.
- 7 Terça. S. Theodoro Monge. ☾ Quarto minguante às 2 horas e 48 minutos da tarde.
- 8 Quarta. S. Lourenço Justiniano.
- 9 Quinta. S. Julião e S. Basalisa.
- 10 Sexta. S. Paulo Eremita.
- 11 Sabbado. S. Hygino, P. M.
- 12 Domingo. N. S. de Jesus. Festa na Igreja de Jesus.
- 13 Segunda. S. Hilario, B.
- 14 Terça. S. Felix de Nole, M. ☽ Lua nova às 9 horas e 43 minutos da tarde.
- 15 Quarta. S. Amaro Ab.
- 16 Quinta. Os SS. Martyres de Marrocos. Festa em Travassò.
- 17 Sexta. S. Antão, Ab.
- 18 Sabbado. A Cadeira de S. Pedro em Roma. S. Prisca, V. M.
- 19 Domingo. S. Canuto, rei. M.
- 20 Segunda. S. Sebastião, M. Festa em Sá no dia 26.
- 21 Terça. S. Ignez, V. M.
- 22 Quarta. S. Vicente, M.
- 23 Quinta. Os desponsorios de Nossa Senhora com S. José.
☽ Quarto crescente às 2 horas e 10 minutos da manhã.
- 24 Sexta. Nossa Senhora da Paz.
- 25 Sabbado. A Conversão de S. Paulo, Ap.
- 26 Domingo. S. Polycarpo, B. M.
- 27 Segunda. S. João Chrysostomo, B.
- 28 Terça. S. Cyrillo, B.
- 29 Quarta. S. Francisco de Salles.
- 30 Quinta. Santa Martinha, V. ☽ Lua cheia às 8 horas e 19 minutos da manhã.
- 31 Sexta. S. Pedro Nolasco.



2.º Mez—**Fevereiro**—29 dias

- 1 Sabbado. S. Ignacio, B.
- 2 Domingo da Septuagessima. Purificação de Nossa Senhora.
Festa na Igreja da Apresentação.
- 3 Segunda. S. Braz, B. M.
- 4 Terça. S. André Corsino, B.
- 5 Quarta. S. Agueda, V. M.
- 6 Quinta. As Chagas de Christo. S. Dorothea, V. ☾ Quarto
minguante ás 2 horas da manhã.
- 7 Sexta. S. Romualdo, Ab.
- 8 Sabbado. S. João da Matta.
- 9 Domingo da Sexagessima. S. Apolonia, M. S. Sabino, M.
- 10 Segunda. S. Escolastica, V.
- 11 Terça. S. Lazaro, B. S. Joanna Valeria, F.
- 12 Quarta. S. Eulalia, V. M.
- 13 Quinta. S. Gregorio II. P. ☀ Lua nova ás 3 horas e 37
minutos da tarde.
- 14 Sexta. S. Valentim, M.
- 15 Sabbado. Trasladação de Santo Antonio.
- 16 Domingo da Quinquagessima. S. Porphyrio, M.
- 17 Segunda. S. Faustino, M.
- 18 Terça-feira de entrudo. S. Theotonio.
- 19 Quarta-feira de Cinza.
- 20 Quinta. S. Eleuterio, B. M.
- 21 Sexta. S. Maximiano, B. ☽ Quarto crescente ás 8 horas e
37 minutos da tarde.
- 22 Sabbado. A Cadeira de S. Pedro em Antiochia. S. Marga-
rida.
- 23 Domingo. (1.º da Quaresma). S. Pedro Damião.
- 24 Segunda. S. Prestextato.
- 25 Terça. S. Mathias. Ap. S. Sergio.
- 26 Quarta. S. Cesario.
- 27 Quinta. S. Torquato, M. Arc.
- 28 Sexta. S. Leandro. Arc. de Sevilha. ☽ Lua cheia ás 7 ho-
ras e 15 minutos da tarde.
- 29 Sabbado. S. Romão.



3.º Mez—**Março**—31 dias

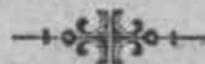
- 1 Domingo de Passos (2.º da Quaresma). S. Adrião, M.
- 2 Segunda. S. Simplicio, P.
- 3 Terça. S. Hemeterio, soldado.
- 4 Quarta. S. Casimiro, rei.
- 5 Quinta. S. Theophilo, B.
- 6 Sexta. S. Ollegario, B. ☾ Quarto minguante às 10 horas e 52 minutos da manhã.
- 7 Sabbado. S. Thomaz de Aquino, D.
- 8 Domingo. (3.º da Quaresma). S. João de Deus, port.
- 9 Segunda. S. Francisca Romana.
- 10 Terça. S. Militão e os seus 39 Companheiros M.
- 11 Quarta. S. Candido, M.
- 12 Quinta. S. Gregorio, P.
- 13 Sexta. S. Sancha.
- 14 Sabbado. S. Mathilde, rainha, ☽ Lua nova às 10 horas e 10 minutos da manhã.
- 15 Domingo. (4.º da Quaresma). S. Zacarias, P. S. Henrique.
- 16 Segunda. S. Cyriaco, M.
- 17 Terça. S. Patricio, Ap.
- 18 Quarta. S. Gabriel Archanjo.
- 19 ✠ Quinta. S. José, esposo de Nossa Senhora. Feira annual de madeiras em Aveiro.
- 20 Sexta. S. Martinho Dumiense. Começa a

PRIMAVERA

- 21 Sabbado. S. Bento, Ab. Faz 9 annos S. A. R. o principe D. Luiz Philippe. Grande gala.
- 22 Domingo da Paixão. S. Emygdio, B. M. ☽ Quarto crescente às 11 horas e 20 minutos da manhã.
- 23 Segunda. S. Felix e seus Companheiros M.
- 24 Terça. Inst. do SS. Sacramento.
- 25 ✠ Quarta. Anunciação de Nossa Senhora. Abertura da importante feira de Março.
- 26 Quinta. S. Ludgero, B.
- 27 Sexta. S. Roberto, B. as sete Dores de Nossa Senhora.
- 28 Sabbado. S. Alexandre, M.
- 29 ✠ Domingo de Ramos. S. Victorino, M. ☽ Lua cheia às 4 horas e 45 minutos da manhã.
- 30 Segunda. S. João Climaco, Ab.
- 31 Terça. S. Benjamin, diac.

4.º Mez—**Abril**—30 dias

- 1 Quarta-feira de Trevas. Dia dos enganos.
- 2 Quinta-feira de Endoenças (✠ do meio dia em diante).
- 3 Sexta-feira da Paixão (✠ até ao meio dia). S. Paucracio, B. M.
- 4 Sabbado de Alleluia. S. Izidro, Arc. ☾ Quarto minguante às 11 horas e 48 minutos da tarde.
- 5 Domingo de Paschoa.
- 6 Segunda. S. Marcelino.
- 7 Terça. S. Epifanio, B.
- 8 Quarta. S. Amancio, B.
- 9 Quinta. Trasladação de S. Monica.
- 10 Sexta. S. Ezequiel, P.
- 11 Sabbado. S. Leão I, P.
- 12 Domingo de Paschoela. S. Victór, M. Festa da Senhora do Alamo na sua capella ao lado norte da estrada de Es-gueira.
- 13 Segunda. Nossa Senhora dos Prazeres. S. Hermenegildo. ☽ Lua nova às 3 horas e 45 minutos da manhã. Principiam as sestas.
- 14 Terça. S. Tiburcio e S. Valeriano, M.
- 15 Quarta. As Santas Basilisa e Anastacia, M.
- 16 Quinta. S. Engracia, V. M.
- 17 Sexta. S. Aniceto, V. M.
- 18 Sabbado. S. Gualdino, B.
- 19 Domingo do Bom Pastor. S. Hermogenes, M.
- 20 Segunda. S. Ignez, V. ☽ Quarto crescente às 10 horas e 10 minutos da tarde.
- 21 Terça. S. Anselmo, Arc.
- 22 Quarta. Os Santos Sotero e Caio, M.
- 23 Quinta. S. Jorge, M.
- 24 Sexta. S. Fidelis, S. Honorio.
- 25 Sabbado. S. Marcos, Evangelista.
- 26 Domingo. S. Pedro de Rates, M. Patrocinio de S. José.
- 27 Segunda. S. Tertuliano, B. ☽ Lua cheia à 1 hora e 10 minutos da tarde.
- 28 Terça. S. Vital, M.
- 29 Quarta. S. Pedro, M.
- 30 Quinta. S. Catharina de Sena, V.



5.º Mez—**Maio**—31 dias

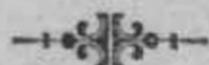
- 1 Sexta. S. Filippe e S. Thiago.—Começam os exercicios do mez de Maria na Igreja de Jesus.
- 2 Sabbado. S. Mafalda, V. S. Atanasio.
- 3 Domingo. Maternidade de Nossa Senhora. Invenção da Santa Cruz.
- 4 Segunda. S. Monica, viuva. ☾ Quarto minguante ás 2 h. e 40 m. da t.
- 5 Terça. Conversão de S. Agostinho. S. Pio, V. P.
- 6 Quarta. S. João ante portam latinum.
- 7 Quinta. S. Estanislau, B. M.
- 8 Sexta. Apparição de S. Miguel Archanjo. Principiam as novenas de Santa Joanna na Igreja de Jesus.
- 9 Sabbado. S. Gregorio Nazianzeno.
- 10 Domingo. S. Antonino.
- 11 Segunda. S. Anastacio.
- 12 Terça. S. Joanna Princeza de Portugal, padroeira d'Aveiro —festa na Igreja de Jesus e procissão no dia 17. ☽ Lua nova ás 7 h. e 10 m. da t.
- 13 Quarta. N. Senhora dos Martyres.
- 14 ✠ Quinta. Ascenção do Senhor. S. Gil, D. S. Bonifacio.
- 15 Sexta. S. Izidro, lavrador.
- 16 Sabbado. S. João Nepomuceno, M.
- 17 Domingo. S. Paschoal Baylão, F. Festa do Senhor Jesus na Igreja de N. S. da Gloria.
- 18 Segunda. S. Venancio, M.
- 19 Terça. S. Pedro Celestino.
- 20 Quarta. S. Bernardino de Sena, F. ☽ Quarto crescente ás 5 h. e 45 m. da m.
- 21 Quinta. S. Manços, M.
- 22 Sexta. S. Rita de Cassia. Anniversario do consorcio de S. M. El-Rei D. Carlos. Pequena gala.
- 23 Sabbado. S. Basilio, Arc.
- 24 Domingo do Espirito Santo. S. Afra, M.
- 25 Segunda. S. Gregorio.
- 26 Terça. S. Felippe Nery. ☽ Lua cheia ás 9 h. e 20 m. t.
- 27 Quarta. S. João, P.
- 28 Quinta. S. Germano, B.
- 29 Sexta. S. Maximo.
- 30 Sabbado. S. Fernando.
- 31 Domingo da SS. Trindade. S. Petronilla, V. Festa em termição do mez de Maria, na Igreja de Jesus.

6.º Mez—**Junho**—30 dias

- 1 Segunda. S. Firmo, M.
- 2 Terça. S. Marcellino, B.
- 3 Quarta. S. Paulo, M. ☾ Quarto minguante às 7 horas e 20 minutos da manhã.
- 4 ✠ Quinta. Corpo de Deus. S. Francisco Caraciollo.
- 5 Sexta. S. Bonifacio, B. M.
- 6 Sabbado. S. Norberto, B.
- 7 Domingo. S. Roberto, Ab.
- 8 Segunda. S. Salustiano.
- 9 Terça. Os SS. Primo e Feliciano.
- 10 Quarta. S. Margarida, rainha da Escocia.
- 11 Quinta. S. Barnabé, Ap. ☽ Lua nova às 8 horas e 6 minutos da manhã.
- 12 ✠ Sexta. O SS. Coração de Jesus. S. João de S. Fagundo.
- 13 Sabbado. S. Antonio de Lisboa. Festa no dia 14 na sua Igreja, proximo do Passeio publico.
- 14 Domingo. N. S. Mãe dos homens. S. Basilio Magno, Dr.
- 15 Segunda. S. Vito, M.
- 16 Terça. S. Francisco Regis.
- 17 Quarta. S. Thereza, rainha.
- 18 Quinta. Os SS. Marcos e Marcellino. ☽ Quarto crescente às 11 horas e 5 minutos da manhã.
- 19 Sexta. S. Juliana de Falconeri.
- 20 Sabbado. S. Silverio, P. M.
- 21 Domingo. S. Luiz Gonzaga. Começa o

ESTIO

- 22 Segunda. S. Paulino, B.
- 23 Terça. S. João, sac.
- 24 ✠ Quarta. Nascimento de S. João Baptista.
- 25 Quinta. S. Guilherme, Ab. ☽ Lua cheia às 6 horas e 18 minutos da manhã.
- 26 Sexta. Os Ss. João e Paulo, ir.
- 27 Sabbado. S. Ladislau, rei.
- 28 Domingo. A Pureza de N. Senhora.
- 29 ✠ Segunda. S. Pedro e S. Paulo, App.
- 30 Terça. S. Marçal, B.



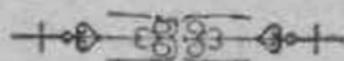
7.º Mez—**Julho**—31 dias

- 1 Quarta. S. Theodorico, ab.
- 2 Quinta. Visitação de Nossa Senhora.
- 3 Sexta. S. Jacintho, M. ☾ Quarto minguante às 12 horas e 47 minutos da tarde.
- 4 Sabbado. S. Izabel, rainha de Portugal.
- 5 Domingo. O Preciosissimo Sangue de N. S. Jesus Christo.
- 6 Segunda. S. Domingos, M. S. Athanasio.
- 7 Terça. S. Pulcheria, V.
- 8 Quarta. S. Procopio, M.
- 9 Quinta. S. Cyrillo, B.
- 10 Sexta. S. Januario e seus companheiros, Mm. S. Amelia.
☽ Lua nova às 7 horas e 58 minutos da tarde.
- 11 Sabbado. S. Sabino.
- 12 Domingo. N. S. do Patrocinio. S. João Gualberto, Festa de Corpus Christi na Igreja de N. S. da Gloria.
- 13 Segunda. S. Anacleto, P. M.
- 14 Terça. S. Boaventura, B. e Card.
- 15 Quarta. S. Camillo de Lellis.
- 16 Quinta. Triumpho da Santa Cruz. N. S. do Monte do Carmo.
- 17 Sexta. S. Aleixo, B. ☽ Quarto crescente às 3 horas e 28 minutos da tarde.
- 18 Sabbado. S. Marinha, V. M.
- 19 Domingo. O Anjo Custodio.
- 20 Segunda. S. Elias, prof.
- 21 Terça. S. Praxedes, V.
- 22 Quarta. S. Maria Magdalena, F.
- 23 Quinta. S. Apolinario, B. M. Principiam as caniculas.
- 24 Sexta. S. Christina, V. M. ☽ Lua cheia às 5 horas e 9 minutos da tarde.
- 25 Sabbado. S. Thiago, Ap.
- 26 Domingo. Sant'Anna, Mãe da Mãe de Deus.
- 27 Segunda. S. Pantaleão, medico.
- 28 Terça. S. Innocencio, P.
- 29 Quarta. S. Martha, V.
- 30 Quinta. S. Rufino, M.
- 31 Sexta. S. Ignacio de Loyola. Paz 31 annos S. A. o sr. Infante D. Alfonso. Juramento da Carta Constitucional. Grande gala.



8.º Mez—**Agosto**—31 dias

- 1 Sabbado. S. Pedro ad vincula. ☾ Quarto minguante às 5 horas e 58 minutos da tarde.
- 2 Domingo. N. S. dos Anjos. S. Estevão, P. M.
- 3 Segunda. Invenção de S. Estevão.
- 4 Terça. S. Domingos, adv.
- 5 Quarta. N. S. das Neves.
- 6 Quinta. Transfiguração de Christo. S. Thiago, er.
- 7 Sexta. Os S. Caetano e Alberto.
- 8 Sabbado. S. Cyriaco, M.
- 9 Domingo. S. Romão, M. ☽ Lua nova às 4 horas e 25 minutos da manhã.
- 10 Segunda. S. Lourenço, M.
- 11 Terça. Os Ss. Tiburcio e Suzana, Mm.
- 12 Quarta. S. Clara, V. F. Anniversario da inauguração da estatua de José Estevam (1889).
- 13 Quinta. Os Ss. Hypolito e Cassiano, Mm. S. Helena, V. M.
- 14 Sexta. S. Eusebio, M.
- 15 ☒ Sabbado. Assumpção de N. Senhora. ☽ Quarto crescente às 8 horas e 26 minutos da tarde.
- 16 Domingo. N. S. da Boa Morte.
- 17 Segunda. S. Mamede, M.
- 18 Terça. S. Clara de Monte Falco.
- 19 Quarta. S. Luiz, B.
- 20 Quinta. S. Bernardo, Ab. e Dr.
- 21 Sexta. S. Joanna Francisca.
- 22 Sabbado. S. Thimotheo, M.
- 23 Domingo. S. Joaquim, pae de N. S.^a. S. Filippe Binicio.
☽ Lua cheia às 6 horas e 28 minutos da manhã.
- 24 Segunda. S. Bartholomeu, Ap.
- 25 Terça. S. Luiz rei de França.
- 26 Quarta. S. Zeferino, P. M.
- 27 Quinta. S. José de Callazans.
- 28 Sexta. S. Agostinho, B. e Dr.
- 29 Sabbado. Degollação de S. João Baptista. S. Sabina.
- 30 Domingo. O Sagrado Coração de Maria. Festa na Igreja de Jesus.
- 31 Segunda. S. Raymundo Nonato. Acabam as caniculas.
☾ Quarto minguante às 10 horas e 30 m. da m.



9.º Mez—**Setembro**—30 dias

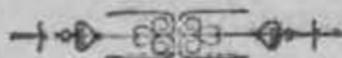
- 1 Terça. S. Egydio. Principiam as férias.
- 2 Quarta. S. Estevão, rei.
- 3 Quinta. S. Eufemia, V. M.
- 4 Sexta. S. Rosa de Viterbo, V.
- 5 Sabbado. S. Antonino, M.
- 6 Domingo. S. Libania, V.
- 7 Segunda. S. João, M. ☉ Lua nova á 1 hora e 5 m. da t.
- 8 Terça. Natividade de N. Senhora. Festa á Senhora das Febres na capella de S. Roque. Acabam as séstas.
- 9 Quarta. S. Sergio, P.
- 10 Quinta. S. Nicolau Tolentino.
- 11 Sexta. S. Theodora, penitente.
- 12 Sabbado. S. Anna, V. S. Guidão.
- 13 Domingo. O SS. Nome de Maria. S. Philippe, M. Festa á S.^a d'Ajuda, na sua capella, proximo ao Passeio publico.
- 14 Segunda. Exaltação da Santa Cruz. ☽ Quarto crescente ás 3 horas e 33 minutos da manhã.
- 15 Terça. S. Domingos em Soriano.
- 16 Quarta. Trasladação de S. Vicente, M.
- 17 Quinta. S. Pedro de Arbués, M.
- 18 Sexta. S. José de Cupertino, F.
- 19 Sabbado. S. Januario.
- 20 Domingo. As Dores de Nossa Senhora. S. Eustaquio e seus Cc. Mm.
- 21 Segunda. S. Matheus, Ap. e Ev. ☿ Lua cheia ás 10 horas e 12 minutos da tarde.
- 22 Terça. S. Mauricio e seus Cc. Mm.
- 23 Quarta. S. Lino, P. M. Começa o

OUTOMNO

- 24 Quinta. N. S. das Mercês.
- 25 Sexta. S. Firmino, B. M.
- 26 Sabbado. Os Ss. Cypriano e Justino.
- 27 Domingo. Os Ss. Cosme e Damião. Festa de N. S.^a da Saude na Costa Nova do Prado.
- 28 Segunda. S. Wenceslau, Festa á S.^a dos Navegantes na praia da Barra de Aveiro. Faz 33 annos S. M. El-Rei D. Carlos, e 31 S. M. Rainha D. Amelia. Grande gala.
- 29 Terça. S. Miguel Archânjo.
- 30 Quarta. S. Jeronymo, Dr. da egreja. Acabam as férias. ☾ Quarto minguante á 1 hora e 22 minutos da manhã.

10.^o Mez—**Outubro**—31 dias

- 1 Quinta. Os Ss. Verissimo, Maxima e Julia, Mm.
- 2 Sexta. Os Anjos da Guarda.
- 3 Sabbado. S. Candido, M.
- 4 Domingo. O Ss. Rosario de N. Senhora, S. Francisco de Assis. Festa na praia de S. Jacintho.
- 5 Segunda. S. Placido e seus Cc. Mm.
- 6 Terça. S. Bruno. ☉ Lua nova às 9 e 40 minutos da tarde.
- 7 Quarta. S. Marcos, P.
- 8 Quinta. S. Brigida, viuva.
- 9 Sexta. S. Dionysio, B.
- 10 Sabbado. S. Francisco de Borja.
- 11 Domingo. N. S. dos Remedios. S. Firmino, B.
- 12 Segunda. S. Cypriano, B. M.
- 13 Terça. S. Eduardo, rei. ☽ Quarto crescente às 2 horas e 11 minutos da tarde.
- 14 Quarta. S. Calisto, P. M.
- 15 Quinta. S. Thereza de Jesus, V.
- 16 Sexta. S. Martiniano, M. Faz 49 annos S. M. a Rainha D. Maria Pia. Grande gala.
- 17 Sabbado. S. Hedwiges, viuva.
- 18 Domingo. S. Lucas Evangelista.
- 19 Segunda. S. Pedro de Alcantara. Anniversario do obito de S. M. El-Rei D. Luiz (1889).
- 20 Terça. S. José Cancio.
- 21 Quarta. S. Ursula, V. M. ☾ Lua cheia às 3 horas e 51 minutos da tarde.
- 22 Quinta. S. Maria Salomé.
- 23 Sexta. S. João Capistrano, F.
- 24 Sabbado. S. Raphael Archanjo.
- 25 Domingo. Os Ss. Crispim e Crispiniano, Irm. Mm.
- 26 Segunda. S. Evaristo, P. M.
- 27 Terça. Os Ss. Martyres de Evora. S. Elesbão, Imp.
- 28 Quarta. Ss. Simão e Judas. Thadeu. App.
- 29 Quinta. Trasladação de S. Izabel, rainha de Portugal. ☽ Quarto minguante às 2 horas e 45 minutos da tarde.
- 30 Sexta. Ss. Serapião, B. e Germano.
- 31 Sabbado. S. Quintino, M.



11.º Mez—**Novembro**—30 dias

- 1 ✠ Domingo. Festa de Todos os Santos.
- 2 Segunda. Commemoração dos fieis defuntos. S. Victorino, M.
- 3 Terça. S. Malaquias, B. da Irlanda.
- 4 Quarta. S. Carlos Borromeu.
- 5 Quinta. S. Zacarias e Izabel, paes de S. João Baptista.
 ☉ Lua nova ás 6 horas e 50 minutos da manhã.
- 6 Sexta. S. Severo, B. M.
- 7 Sabbado. S. Florencio, B. M.
- 8 Domingo. O Patrocínio de Nossa Senhora.
- 9 Segunda. S. Theodoro, M.
- 10 Terça. S. André Avelino.
- 11 Quarta. S. Martinho, B.
- 12 Quinta. S. Martinho, P. M. ☽ Quarto crescente ás 5 horas e 4 minutos da manhã.
- 13 Sexta. S. Eugenio, B.
- 14 Sabbado. Trasladação de S. Paulo 1.º, Er.
- 15 Domingo. Dedicção da Bazilica do Coração de Jesus. S. Gertrudes Magna.
- 16 Segunda. S. Vallerio, M.
- 17 Terça. S. Gregorio Thaum.
- 18 Quarta. Dedicção da Basilia dos Ss. App. S. Romão, M.
- 19 Quinta. S. Izabel, rainha.
- 20 Sexta. S. Felix de Valois. ☽ Lua cheia ás 9 horas e 48 minutos da manhã.
- 21 Sabbado. Apresentação de Nossa Senhora.
- 22 Domingo. S. Cecilia, V. M.
- 23 Segunda. S. Clemente, V. M.
- 24 Terça. S. João da Cruz, D.
- 25 Quarta. S. Catharina, V. M.
- 26 Quinta. S. Pedro Alexandrino, B.
- 27 Sexta. Santa Margarida de Saboia.
- 28 Sabbado. S. Gregorio III, M. ☾ Quarto minguante ás 2 horas e 7 minutos da manhã.
- 29 Domingo 1.º do advento. S. Saturnino, M.
- 30 Segunda. S. André, Ap.

12.º Mez—**Dezembro**—31 Dias

- 1 Terça. S. Eloy. Anniversario da independencia de Portugal. (1640).
- 2 Quarta. S. Bibiana, V. M.
- 3 Quinta. S. Francisco Xavier.
- 4 Sexta. S. Barbara, V. M. ☀ Lua nova ás 5 horas e 15 minutos da tarde.
- 5 Sabbado. S. Geraldo, Arc. de Braga.
- 6 Domingo. 2.º do advento. S. Nicolau, B.
- 7 Segunda. S. Ambrosio, B. Dr.
- 8 ✠ Terça. N. Senhora da Conceição, Padroeira do Reino.
- 9 Quarta. S. Leocadia, V. M.
- 10 Quinta. S. Melquiades, P. M.
- 11 Sexta. S. Damaso, P. portuguez. ☾ Quarto crescente ás 11 horas e 55 minutos da tarde.
- 12 Sabbado. S. Justino, M.
- 13 Domingo. 3.º do advento. S. Luiza, V.
- 14 Segunda. S. Agnello, Ab.
- 15 Terça. S. Eusebio, B. M.
- 16 Quarta. As Ss. Virgens d'Africa, Mm. Principiam as novenas do Natal na Igreja de Jesus.
- 17 Quinta. S. Lazaro, B.
- 18 Sexta. N. Senhora do O', S. Espiridão, B. C.
- 19 Sabbado. S. Fausta.
- 20 Domingo. 4.º do advento. S. Domingos de Silos, Ab.
☀ Lua cheia ás 3 horas e 29 minutos da manhã.
- 21 Segunda. S. Thomé, Ap.
- 22 Terça. S. Honorato, M. Começa o

INVERNO

- 23 Quarta. S. Servulo, B.
- 24 Quinta. S. Gregorio, M.
- 25 ✠ Sexta. Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.
- 26 Sabbado. S. Estevão.
- 27 Domingo. S. João. ☾ Quarto minguante ás 11 horas e 32 minutos da manhã.
- 28 Segunda. Os Ss. Innocentes, Mm.
- 29 Terça. S. Thomaz, Arc.
- 30 Quarta. S. Sabino, B. M.
- 31 Quinta. S. Silvestre, P.

REPARTIÇÕES PUBLICAS

DE

AVÉIRO

Governo civil

Governador civil, Visconde de Alemquer; secretario geral, Manoel Joaquim Massa; officiaes, Joaquim de Mello Freitas, Manoel Maria da Rocha Madail, José Maria Pereira do Couto Brandão; amanuenses, José Tavares d'Almeida Lebre, Delfino Augusto Rezende Murteira, João Augusto Marques Gomes, Amadeu Faria de Magalhães; porteiro, Antonio do Valle Guimarães; continuo, Luiz Maria Teixeira.

Commissão districtal

Chefe de repartição, Joaquim Simões Franco; thesoureiro, Mignel Ferreira d'Araujo Soares; continuo, Bento dos Santos.

Juiz de direito servindo de auditor, Jorge Couceiro da Costa, (addido).

Repartição de fazenda do districto

Delegado do thesouro, Miguel Augusto Pereira d'Araujo; official, José Ferreira Corrêa de Sousa; primeiros aspirantes, Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, Francisco Augusto da Paixão, Zacharias da Naia e Silva; segundos aspirantes, Antonio Ferreira Pinto de Sousa, Viriato Ferreira de Lima e Sousa, Sebastião Ferreira Leite, Francisco Antonio de Mattos; continuo, Manuel Nunes Morgado.

Lyceu nacional

Reitor, Francisco Augusto da Fonseca Regalla; professores, Manoel Gonçalves de Figueiredo, João da Maya Romão, Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, José Rodrigues Soares, Albino Dias Ladeira de Castro. P.^o Manoel Rodrigues Vieira, Ildfonso Marques Mano, P.^o José Marques de Castilho; secretario, Elias Fernandes Pereira; porteiro, José do Nascimento Corrêa; continuo, Manoel dos Santos e Silva; guarda da bibliotheca, José Martins de Pinho (addido); sub-inspectores de instrucção primaria, José Maria Dantas de Sousa Baracho, P.^o Antonio Joaquim Vidal (addidos).

Commissariado de policia civil

Commissario, Eugenio d'Albuquerque Sanches da Gama; chefe, Antonio Simões Lebre; secretario, Antonio Moreira Soares

da Silva Bello; amanuense, Bernardo de Sousa Lopes; continuo, Manoel Bernardo Calvão.

Correio e telegrapho

Director, Eduardo Serrão; chefe de estação, Ernesto Levy Maria Corrêa; fiel, Alfredo Cezar Brito; primeiros aspirantes, Antonio Maria Duarte, Ernesto Julio Caldeira Prazeres, Leopoldo Frederico d'Assis Calheiros; segundos aspirantes, Augusto Nunes Varella e Antonio da Encarnação Junior; aspirantes auxiliares, Amelia Augusta Corrêa, Antonio Dias Simões de Carvalho, Augusto Simão Estylita Pereira de Freitas; distribuidores, José Vieira Guimarães, José Maria de Carvalho Junior, Leovigildo Mathias de Mello, Manuel Maria Augusto dos Santos, Francisco de Sousa Marques; distribuidores ruraes, João dos Santos Grangêa, José Diniz Ferreira Fabião; guarda-fios, Antonio Joaquim Gloria, José Couteiro e Adelino Santos Junior.

Serviços florestaes

Silvicultor de 2.^a classe, Egberto de Magalhães Mesquita; regente florestal de 2.^a classe, Carlos Eugenio d'Oliveira Ferreira de Carvalho; guarda de 2.^a classe, Abel d'Oliveira; guarda de 3.^a classe, Joaquim de Figueiredo.

Higiene publica

Guarda mór, Manoel Gonçalves de Figueiredo; escrivão interprete, Antonio Corrêa Loureiro.

Obras publicas

Director, Francisco da Silva Ribeiro; pessoal tecnico, conductores de 3.^a classe, José da Maya Romão, Antonio Aureliano Severo d'Oliveira, José Ferreira Pinto de Souza; conductores de 3.^a classe, addidos, Evaristo de Moraes Ferreira; desenhadores de 1.^a classe, Joaquim Antonio dos Reis, Pedro Guilherme d'Oliveira, Domingos dos Santos Gamellas; desenhador auxiliar, Sissando Maia; pessoal administrativo; amanuense de 1.^a classe, Alberto da Silva Pereira de Fornellos; amanuense de 2.^a classe, José Maria Pereira; amanuenses de 3.^a classe, Manuel Francisco Lourenço Catharino, Francisco d'Assis Marques Gomes, Renato da Silva Mello Franco; pagador, Manuel Anthero Baptista Machado; servente, Antonio Fernandes.

2.^a circumscripção hydraulica

Engenheiro chefe de secção, José Maria de Mello de Mattos; conductor de 2.^a classe, Antonio dos Reis; conductor de 3.^a classe, Firmino de Souza Huel; apontador mestre de rios e vallas, Luiz Gonçalves Moreira; continuo, José Maria da Maia.

Camara Municipal (93 a 95)

Presidente, Dr. Jayme de Magalhães Lima; vice-presidente, Dr. Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça; vereadores effe-

ctivos, Manoel Gonçalves Netto, Domingos Ferreira da Silva, Antonio Thomaz Marques Mostardinha, Antonio Maria Alves da Rosa, Francisco Elias dos Santos Gamellas, João Cardoso Valente; vereadores substitutos, Jeronymo Baptista Coelho, José Antonio Marques, Antonio Cardoso d'Azevedo, Carlos da Silva Mello Guimarães, Manoel Dias de Carvalho Brandão, Manoel Francisco Athanzio de Carvalho, Manoel Marques Rodrigues, João Francisco Leitão, Antonio Pereira dos Santos; secretario, Firmino de Vilhena d'Almeida Maia; amanuenses, Manoel Marques, Eduardo Augusto Vieira, Luiz da Fonseca Regalla; chefe da fiscalisação, José Rodrigues Mieirol; chefe dos zeladores, Domingos Pereira Grijó; officiaes, Joaquim Simões Bazilio, José Duarte da Costa, Miguel dos Santos Gamellas

Medicos do partido: Manoel Gonçalves de Figueiredo, Luiz Augusto da Fonseca Regalla, Manoel Pereira da Cruz, João Xavier Pereira Simões.

Administração do concelho

Administrador, Eugenio d'Albuquerque Sanches da Gama; secretario, Francisco da Silva Carvão; amanuenses, Antonio Baptista de Sousa, José Fernandes Mourão; officiaes, Manoel Simões Amaro Junior, José Rodrigues Branco, Joaquim Maria Pereira de Rezende, Camillo Augusto Vieira.

Tribunal judicial

Juiz de direito, Alexandre de Sousa e Mello; delegado do procurador regio, José de Sousa Mendes; contador, Joaquim Manoel Ruella; escrivães de direito, Arnaldo Augusto Alvares Fortuna, Antonio Augusto Duarte e Silva, Silverio Augusto Barbosa de Magalhães, Evaristo Corrêa da Rocha, Leandro Augusto Pinto do Souto; officiaes de diligencias, Joaquim Teixeira da Costa, Silvestre José d'Oliveira, João da Rocha Carolla, Antonio Augusto d'Almeida; carcereiro, Augusto José de Carvalho.

Repartição de fazenda do concelho

Escrivão de fazenda, Antonio Joaquim Marques Perdigão; escripturarios, Eduardo Pinto de Miranda, Jeronymo José de Vasconcellos Dias, José Estevam Couceiro da Costa (addido); recebedor, Manuel de Sousa Brito; proposto, Florentino Vicente Ferreira.

Escola industrial

Professor de desenho, Francisco Augusto da Silva Rocha.

Secção aduaneira

Chefe da secção, Manoel Pedro Nunes da Silva.

Secção da guarda fiscal

Chefe da secção, Luiz Mouzinho d'Albuquerque.

Secção do real d'agua

Chefe da secção, Jacintho Agapito Rebocho.

Reserva e recrutamento n.º 9

Commandante, José Joaquim de Sousa Mimoso; Sargento ajudante, José Maria Paes de Sousa Andrade; Segundos sargentos, Antonio da Maia e Manoel Pedro Nogueira Velho de Chaby.

Agronomo do districto

Manoel Lopes d'Almeida.

Veterinario do districto

Alberto Saraiva Monteiro.





MANOEL JOSÉ MENDES LEITE

«COMBATEU E SOFFREU PELA LIBERDADE
NAS BATALHAS, NAS IMIGRAÇÕES,
NO PARLAMENTO E NA IMPRENSA;
SERVIU BEM A PATRIA
COMO SOLDADO, LEGISLADOR E FUNCIONARIO;
FOI SEU TIMBRE O DESINTERESSE;
VIVEU E MORREU SEM HONRARIAS».

N'estas poucas linhas gravadas no modesto moimento que no cemiterio publico d'esta cidade indica o logar onde dorme o derradeiro somno, e que eu escrevi para satisfazer a um pedido instante da familia, está feita a sua biographia

sem datas e sem minudencias, é verdade, mas com inteira fidelidade. Se pretendesse biographar de novo Mendes Leite (1) diria que, nasceu em Aveiro a 18 de maio de 1809; que, foram seus paes Bento José Mendes Guimarães e D. Thereza Thomazia Leite; que, cursou os primeiros estudos na sua terra natal; que se matriculou em 1824 nas faculdades de canones e leis na Universidade de Coimbra; que em dezembro de 1824 se alistou no batalhão academico; que pela revolta de 16 de maio de 1828 se alistou de novo no mesmo batalhão reorganizado; que em 6 de julho entrou como emigrado na Galiza d'onde seguiu para Inglaterra; que em 1832 regressou ao Porto alistando-se logo no batalhão academico; que mandado a Inglaterra n'uma commissão espinhosa, na volta entrou a barra do Porto sob uma cerração de bombas e granadas; que recusou então a cruz de Torre e Espada com que o Imperador o condecorou; que combateu na Serra do Pilar e fez parte da divisão do duque da Terceira ao Algarve; que finda a grande campanha voltou a frequentar a Universidade, concluindo a sua formatura em junho de 1836; que em seguida á Revolução de setembro foi nomeado secretario geral do districto de Aveiro, e depois commandante da guarda nacional e presidente da camara da mesma cidade; que em 22 de março de 1840 foi eleito pela primeira vez deputado, e mezes depois fundava com José Estevão «*A Revolução de Setembro*» de que foi um dos primeiros redactores; que tomou parte em todas as *bernardas* que o partido setembrista projectou de 1840 em diante, tendo em 1844 de novamente emigrar, por não haver vingado a revolta de Torres Novas para que muito trabalhára; que em agosto de 1846 pôde regressar a Portugal e que organizada a Junta do Porto como desforço ao golpe d'estado de 6 de outubro, collocou-se logo ao seu lado prestando os mais relevantes e desinteressados serviços á causa popular; que perseguiu com exito as forças que o general Mac-Donnell, levantára em favor de D. Miguel; que foi ministro da marinha do visconde de Sá da Bandeira, em Setubal, em 1847; que foi aprisionado com as forças do conde das Antas pela esquadra ingleza ao sahir da barra do Porto; que em 1848 foi preso e recolhido no Limoeiro, como implicado na Conspiração das Hydraz; que auxiliou o movimento da Regeneração em 1851; que foi eleito deputado pela segunda vez n'este mesmo anno, e fez incluir no *Acto addi-*

(1) *Manoel José Mendes Leite, esboço biographico* — Porto, 1881—31 pag.

cional um artigo, abolindo a pena de morte nos crimes políticos; que dissolvidas as camaras em julho de 1852, foi reeleito por Aveiro em dezembro d'esse anno; que na legislatura de 1856 representou em côrtes o circulo da Feira; que em 1860 foi durante alguns mezes governador civil de Aveiro; que em 1863 foi eleito deputado por Aveiro, na vaga occasionada pela morte de José Estevão; que em setembro de 1871 foi nomeado governador civil do districto de Aveiro de que se exonerou em abril de 1877; que foi nomeado novamente para o mesmo cargo em fevereiro de 1878 de que pediu a exoneração tambem, em julho de 1879, e que pela terceira vez foi nomeado governador civil do mesmo districto em janeiro de 1881, demittindo-se em fevereiro de 1886; que recusou a carta de conselho e varias condecorações com que differentes ministerios o quizeram agraciar, que finalmente morreu pelas 3 horas e meia da tarde do dia 13 de agosto de 1887, sem deixar inimigos como em vida lhe vaticinára Camillo Castello Branco que prefaciando um livro que lhe consagrei (1), escreveu :

«Este homem foi muito querido e respeitado por tantos que o viram sem o prisma insidioso da politica. Parece que elle, se a teve robusta e indomavel, foi exclusivamente a politica do sacrificio pessoal ao bem da collectividade. Egoismo, se o teve, foi o da primasia na honra inflexivel. E, com tudo, depois de haver arrostado bravamente os adversarios nas pugnas do braço e do espirito, nas batalhas e nos parlamentos, morreu sem inimigos».

MARQUES GOMES.

(1) *Parabens*—Aveiro, 1885.



SCIENCIA E MILAGRE (1)

«Cura não ha p'ra tal enfermidade»
 Affirmava um doutor em medicina.
 Um padre logo diz:—«Não é verdade;
 Hade cural-o a fé, santa, divina.
 Existe um Deus, bondoso, omnipotente,
 Além, no céu, recinto resplendente,
 Prompto para tirar as grandes dôres
 Que acerbam esta vida aos peccadores.
 Eu, ministro de Deus e do altar,
 Em fervida oração vou exorar
 Lenitivo do céu p'ra a sua dôr;
 E dar-lh'o-ha o Deus de infindo amôr.
 E' meia noite e quando o sol nascer,
 E fôr beijar, e fôr reverdecer
 A setinosa flôr, o moribundo
 Hade sorrir sereno a este mundo,
 Que ia deixar, ha pouco ahí dizia
 Doutor em medicina, ao despontar do dia».

O padre ajoelhou constricto e forte
 E pede ao Christo p'ra o livrar da morte
 —Já prestes a baixar ao atháude—
 Por 'special fineza um kilo de saúde.
 O medico, no entanto, havia retirado,
 E na passagem disse: «escute,—ao pae que chora—
 Já se aqui não faz nada, é tudo aqui baldado,
 A morte vem buscar-lh'o ao despontar d'aurora».

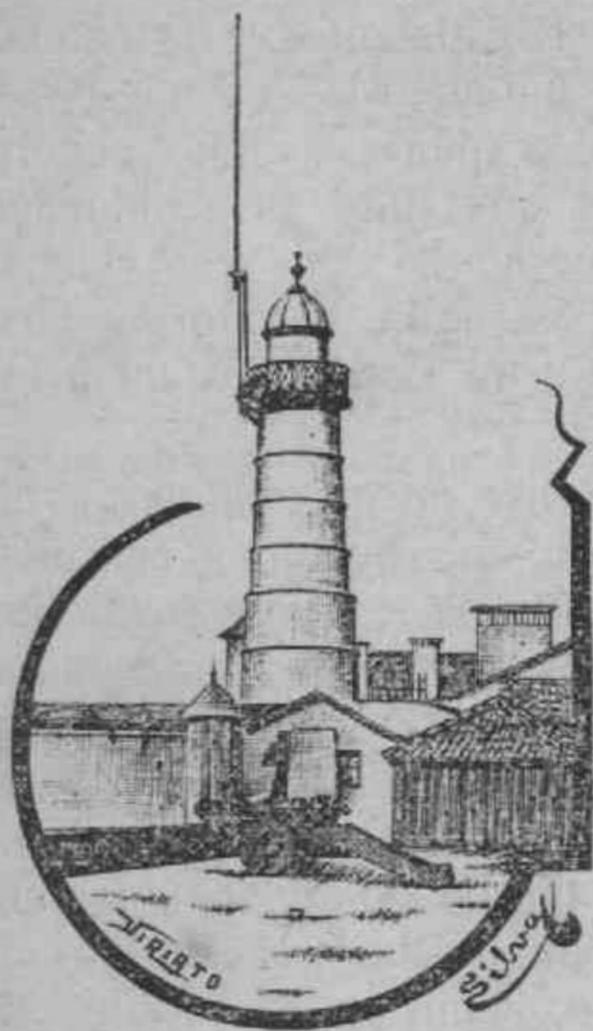
O padre continúa a fervida oração.
 Agita-se o doente em grande convulsão.
 O pobre pae, coitado, sem esp'rança vã,
 Ao ver erguer a fronte a limpida manhã,
 Contempla alvoroçado o padre, que, sereno,
 Murmura longa prece aos pés do Nazareno
 E, cauteloso, vae p'ra junto do doente.
 Mal chega ao pé do leito recúa de repente.
 E' que chegára ao seu ensurdecido ouvido
 Do filho agonisante o ultimo gemido.
 E, louco, allucinado, oppresso pela dôr,
 Cai, vendo-o debater-se no ultimo estertor!

E quando ergueu a fronte a aurora festival
 Encontrou simplesmente um ser inanimado,
 Sujeito ás grandes leis do reino mineral.

MARIO NOBRE.

(1) Do livro *Heresias* prestes a entrar no prélo.

VERDADES E VAIDADES



Desgraçada da avesinha que nasce em má silveira, costuma dizer-se com ternura para explicar a força do amor patrio, que vincula com a ferro ao torrão do berço quantos distendem as azas em busca de largos horisontes.

Ha um iman que nos attrae a todos para o lugar onde primeiro descerrámos as palpebras á luz do sol.

Que importa voarmos no alto, ou deslizar-mos á flôr dos lagos ou sobre as urzes dos vallados?

Sempre cahirão pennas e frouxeis pela estrada, que seguirmos e sempre, como a andorinha, teremos de regressar pela saudade ao primitivo ninho, humilde, inhospito ou triste que seja.

Jules Ferry ao desprender-se da vida recommenda que o levem ao retalho dos Vosgos d'onde brotara.

Esta ligação do homem á paysagem é tão intima que tem o seu què de divina. Parece que a região onde brincámos os dias felizes da adolescencia nos imprime caracter definitivo atravez das convenções sociaes em que, ao depois, nos embrenhamos na lucta tremenda da existencia.

O amor ao berço é tão geral que se póde tomar como pessimo indicio moral o desdem ou o odio pelo lugar que nos viu nascer.

Aquelle que foi nado em má silveira, julga sempre, ainda assim, que é um eden essa pobre e hispida folhagem onde chilreou ou petitou os primeiros ensaios d'um gorgueio infantil.

Porisso soffro de nostalgia longe da minha terra, e, desde as nortadas que varrem as ruas em nuvens de poeira até ao odor acre e ruim da maresia, que se levanta das marinhas e

lagunas, tudo me parece uma distincção, uma particularidade, um encanto a mais na minha terra.

Depois o horisonte é tão largo!... A agua sussurra em tantos canaes, as montanhas ficam tão distantes, e os campos còr d'esmeralda ou còr d'ouro são tão alegres!... que n'esta natureza hilariante a alma abre-se a todas as ideias generosas, e devo explicar o enthusiasmo, que sinto, pela influencia da paysagem circundante.

Todo o aveirense se espelha na agua, e todo se deixa impregnar d'um grande affecto a esta risonha estancia em que vive.

Nada lisongeia mais um aveirense do que elogiar-se-lhe Aveiro. Cessam os rancores perante um hymno á claridade azulina d'este ceu, á frescura prateada da ria, ao algodão limpo das nuvens, á franqueza dos vergeis e das collinas mansas.

Os elogios verbaes de Oliveira Martins, e de Alberto Sampaio registam-se em nossos corações a notas indeleveis, e quando algum forasteiro illustre desata dos labios qualquer observação amoravel, a gratidão confere-lhe quasi honras de nosso concidadão, sendo este povo, como é, tão prodigo de reconhecimento pelas boas palavras e boas ausencias, que se dignam conferir-nos, em visita de recreio.

A 18 de setembro, Ramalho Ortigão, que ha trinta annos viera a esta cidade, volveu a passear na povoação sob pretexto de exame dos objectos d'arte sacra expostos nas salas do convento de Jesus, á rua Direita.

O certamen fechara-se e para não perder de todo a viagem, percorreu a terra com um sorriso satisfeito, e foi até á Barra em carruagem de aluguer.

Friso esta circumstancia, que quasi sempre põe os ossos n'um feixe aos admiradores das bellezas naturaes e lhes empresta o mau humor das suas criticas futuras.

Deus me perdoe, mas a minha obrigação, já que não escreve *memorias d'alem tumulo* é referir sem detença, para contentamento dos visinhos e do municipio, quaes as impressões que o antigo redactor das *Farpas* sentiu em contacto com a magestade d'esta região excepcional.

Eu ia depressa para a caça, em trajos reles, com uma espingarda eivada de ferrugem, e com o cinto farto de cartuchos, quando na esplanada no *Forte*, — assim o juro á face da unica peça que ali existe — deparei com o meu patrio

Marques Gomes, que conversava de largo a largo com o brilhante escriptor.

Não reconheci logo Ramalho Ortigão, mas o tic d'um chapeu camponez de largas abas e debrum, a postura solida do personagem, com a cabeça levantada e firme nos hombros, o olhar perspicaz, tudo me revelou em seguida com quem ia trocar duas palavras fugitivas, antes de me fazer ao largo n'uma bateira, cuja vela arfava d'impaciencia.

Trocámos a phrase mais sacramental, do que a chrisma — *tenho muito gosto em conhecer V. Ex.^a* — e depois — Aveirenses a postos! — ouvi-lhe com estes ouvidos, que a terra ha-de comer, esta phrase deliciosa: — Isto é maravilhoso. Lembra-me a Hollanda... mas com côres mais vivas.

E repetiu: — E' maravilhoso!

E n'este momento em que eu não sei como não rebentei de alegria, como se a cidade me tivesse incumbido de a representar, aventurei-me a dizer, ainda com mais orgulho do que o de Gonçalo de Cordova;

— Gerard Van Krieken, professor da escola industrial do Porto, hollandez de nascença, educado na Suissa, declarou-me igualmente n'este logar, nos ultimos dias de julho, que «esta paysagem rasa, sarjada de canaes, e esmaltada de verdura, lhe recordava a sua Hollanda. Faltavam só os moinhos.»

* * *

E ahí tem o leitor o motivo porque eu me converti hoje n'um *moinho*... de palavras.

MELLO FREITAS.

Certo rei, sabendo que dois dos seus vassallos eram grandes inimigos entre si, mandou chamar o mais apaixonado, e disse-lhe:

— Sabei que vos quero fazer uma mercê, e hade ser a que vós me pedirdes, mas advertir-vos ao mesmo tempo que a hei de fazer dobrada a fulano, de quem sois grande inimigo.

Beijou logo a mão ao rei pelo favor que lhe acabara de conceder, pedindo-lhe então por mercê, que lhe mandasse tirar um olho; porque assim seria obrigado a mandar arrancar os dois ao outro para que ficasse cego, ainda que elle ficasse torto.

NO HOSPITAL

(Impressão d'uma tísica)

A tua sombra só. A côma
Secca, a ranger. Face terrena
Com labios roxos, côr da nôma,
A côr violacea da gangrena...

Pometos roseos, salientes,
Olhos febris, labios sem côr,
A doce alvura dos teus dentes
Tornou-se negra e causa horror.

Se acaso a Lua anda a boiar
No grande Céu silencioso,
Sinto que vive o teu olhar,
Pois se alevanta ao Céu, piedoso.

Alma sem luz, alma doente,
Cadaver vivo e que está mudo,
Que hão de atirar-te, brutalmente,
A' fria meza do estudo...

Ah! quem me dera ir arrancar-te,
A' fria mão que aperta a tua.
Como heide, pois, Sciencia amar-te,
Se és tudo... e eu vejo-te tão nua!...

.....

Tosses! O torax secco e molle
Range, caverna apodrecida.
Atira-o breve á Terra, ao Sol,
O' Tosse, strongillo da Vida!...

VIDAL OUDINOT.



Um sabio dizia que nas sepulturas dos medicos se devia pôr este epitaphio :

— Aqui jaz aquelle por quem jazem os outros.

A cidade de Aveiro

(*Descrição succinta*)



A cidade de Aveiro, pela actual divisão administrativa, faz parte da provincia do Douro. E capital de um dos dezeseite districtos administrativos do continente portuguez.

A sua população, outr'ora grande, diminuiu consideravelmente nos seculos XVII e XVIII. Nos ultimos annos, porém, tem augmentado e póde hoje reputar-se em cerca de oito mil habitantes.

Aveiro assenta n'um ameno e não profundo valle, por onde a arte introduzira um esteiro. As aguas d'este provém da Ria, que d'esta povoação tomou o nome e são contidas por um dilatado e formoso caes de pedra. Ali entram e saem diariamente muitos barcos, o que é uma grande commodidade para o commercio.

N'essa Ria ha grande quantidade de ilhas e de salinas, cujo producto é um dos seus principaes ramos de industria.

A cidade consta de duas freguezias — *Vera-Cruz*, ao norte; e *Nossa Senhora da Gloria*, ao sul, separadas por o mesmo esteiro e communicadas por duas pontes de pedra.

Os edificios de Aveiro não são de grandes dimensões. Mas como são muito branqueados e a cidade está junto á Ria do seu nome, tem Aveiro um aspecto risonho e agradável, especialmente vista do poente

Entre os seus edificios nota-se: o Lyceu, o Theatro, a casa da Camara, a Egreja da Misericordia, o quartel militar, o templo de S. Domingos (Senhora da Gloria) e o antigo mosteiro de Jesus, hoje convertido em casa de educação e onde se acham em bello sarcophago de marmore, as cinzas da Princeza Santa Joanna, excelsa filha de El-Rei D. Affonso V.

Além do jardim de Santo Antonio, tem Aveiro outros locais proprios para recreativos passeios; assim como além do caminho de ferro e das vias fluvial e maritima, tem um grande numero de estradas, o que tudo concorre para que esta terra se torne muito commoda aos seus naturaes e muito agradável aos visitantes.

Das suas antigas muralhas poucos vestigios restam.

Aveiro tem sido patria de muitos individuos notaveis nas letras, nas artes, na guerra e nas virtudes. De alguns falla a historia, e de não poucos, a fama.

Os Aveirenses são em geral laboriosos e intelligentes e presam-se dos seus sentimentos religiosos, o que manifestam nas muitas festividades que aqui annualmente se celebram.

As ruas d'Aveiro são limpas e illuminadas a gaz.

O commercio tem-se aqui desenvolvido bastante, ha annos.

A Ria de Aveiro, já pela sua vastidão, já pelos seus varia-

dos canaes, é de uma belleza que tem merecido os elogios de portuguezes e de estrangeiros.

Aveiro é porto de mar. Os seus campos são fertéis e, bem como a cidade, são planos e sob um horisonte vastissimo.

Aveiro, como capital de districto, tem todas as repartições competentes. Foi tambem capital de uma das dezesete dioceses do continente, mas desde outubro de 1882 ficou a pertencer (de facto) ao bispado de Coimbra.

Pertence ao districto judicial do Porto e á sua circumscripção aduaneira, da qual tem aqui uma delegação de primeira ordem.

É séde do regimento de cavallaria n.º 10 e de um districto de reservas; e pertence á divisão militar de Vizeu.

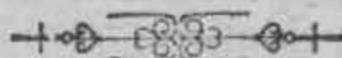
Ha aqui uma secção florestal e uma secção de circumscripção hydraulica.

No antigo regimen tinha Aveiro assento em côrtes, no banco septimo.

Tem feira annual a 25 de março, creada por El-Rei D. Duarte.

Nas suas armas, ora figura a aguia parda, como insignia, que lhe deram os romanos; ora, uma ave aquatica, indicando a origem do seu nome.

RANGEL DE QUADROS.



N'UM TEU BEIJO . . .

N'um olhar vem a esp'rança;
A promessa n'um sorriso;
Mas eu quero mais, creança:
N'um teu beijo o paraiso.

FERNANDO DE SOUZA.



Passando um rei do Oriente por uma serra onde ermava um Derviche penitente, deu com elle todo attento a contemplar uma caveira.

— Que fazes ahí, servo de Deus? perguntou o principe.

— Procuro já de muitos dias, respondeu o santão, ver se posso descobrir se esta caveira pertencia a monarcha ou a mendigo.

Charada novissima n.º 1

Na musica, na musica e na musica este signal—1—1—1.

MANHÃS NO CAMPO

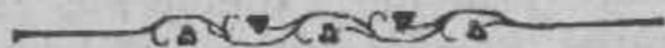
O sol já doira o cume das collinas!
Assobiam os melros nos louraes,
E por entre a 'spessura dos rosaes
Vão saltitando as aves pequeninas.

A abelha beija as rosas purpurinas;
E, sobre o manto d'ouro dos trigaes,
Atiram se phalanges de pardaes
Soltando gargalhadas argentinas.

Então d'além, do velho campanario,
— Obra antiga d'um monge solitario —
Parte o languído som da *Avé-Maria!*

O camponez levanta o olhar aos ceus,
Ora, e confiado à protecção de Deus
Corre a ganhar o pão de cada dia.

CESAR CATHARINO.



Meu caro senhor, dizia uma viuva nova e bonita a um
sujeito seu conhecido, peço-lhe um conselho.

— E sobre quê, minha senhora?

— Sobre o meu proximo casamento.

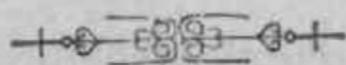
— Muito bem; queira fallar. Entretanto dá-me licença
que accenda um charuto?

— Pois não!

E começa a viuva a amiudar as qualidades e os defeitos
do pretendente, e a expôr com muita arte as vantagens e in-
convenientes da projectada união.

— Então, que me diz?

— Digo-lhe, minha senhora, que sou solteiro, e que
tenho de mim para mim que o casamento é como este cha-
ruto. Para saber com certeza se é bom, é preciso tel-o fu-
mado.



Charada n.º 2

Não é boa no convento esta planta--1--2

O TAPISSO

Quem ha ahí em Portugal que desconheça a figura insinuante e artistica do velho Tapisso, o antigo soldado do valente Saldanha e o mais verdadeiro e rigoroso typo do gaiteiro nacional?

Quem o não conhece a elle que é a *alma* dos arraiaes por essas aldeias fóra, onde faz as delicias da humanidade apreciadora da musica *classica*, arrancando com sentimento e paixão do seu afinado e precioso pifano — companheiro fiel de desditas e alegrias — os requebros e melodias as mais arrebatadoras e inebriantes!

Com que mimo e distincção elle cultiva a sublime arte de Beethoven e Mozart, e com que *virtuosidade* interpreta as mais difficeis e aprimoradas composições, quer no pifano, quer na gaita de folles, com acompanhamentos e contra cantos de tambores e bombo, a quem proficientemente marca o compasso, acenando com a cabeça, a lagrima escorrendo do olho ophtalmico!...

E é vêr com que *pose* elle ainda hoje caminha — apezar dos seus setenta e tres annos — na frente do cortejo dos Reis Magos, de barrete vermelho cahindo-lhe sobre o hombro, jaqueta de alamares, calça branca e facha azul, marcando o andamento com os acordes harmoniosos da sua gaita de folles.

As missas d'alva na aldeia, em dia de festa, são mais concorridas, quando consta que o *ti* Tapisso lá vae executar algumas das suas peças — *As tres rocas de crystal* ou a *Valsa numero quatro*.

Teem desaparecido mil e um habitos e costumes arreigados no espirito dos povos, mas o pifano — o sublime pifano! — tem resistido e ha de resistir a todos os embates, em quanto em lhavo houver o velho Tapisso.

Os seus triumphos são já muitos, e o seu nome universalmente conhecido; mas nos dias que ainda lhe restam para viver, mais e mais honra, gloria e laureis colherá.

De certo elle assim pensa quando á sesta descança, cachimbando, sob a copada ramagem d'algun cedro de cemiterio que guarda.

No *Album de Glorias*, Bordallo Pinheiro foi ingrato, não dedicando uma pagina ao velho Tapisso.

SAUDADE

O' mocidade, ó tempo d'alegrias,
 O' quadra de illusorias esperanças,
 Doce aurora dos meus risouhos dias,
 Mar tranquillo, perenne de bonanças!

As tuas adoraveis phantasias,
 — Esse poema de venturas mansas —
 Aéreas, transparentes, fugidias,
 Puras como o sorriso das creanças,

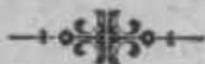
Desfizeram-se em longas espiraes,
 E voaram e não voltaram mais,
 Perdendo-se n'azul immensidade.

E agora em vez das tuas vans chimeras,
 Feitas de luz e sol e primaveras,
 Germina no meu peito — a saudade.

ISMAEL BRAGA.

Um penitente confessou-se que tinha roubado uma corda; ao que lhe objectou o padre que a restituísse ou pagasse.

- Já a não tenho, senhor padre.
- Então pague-a, quanto valeria, cem reis?
- Mais, senhor.
- Duzentos, tresentos, quinhentos, mil reis?
- Ainda mais, senhor.
- Então que tamanho tinha a corda?
- A corda era pequena, mas trazia uma burra na ponta.



Charada n.º 3

Este adverbio de existencia duvidosa é de utilidade diaria—1—3.

ENYGMATA N.º 1

Q + faa — mrs.

A NOVENA

A José de Souza Guerreiro

Por duas ou tres vezes, alta madrugada, eu tinha ouvido tocar o sino para a novena. Ia dezembro em meio. Estava um frio rigoroso. Os dias eram pequenos, com pouco sol, um sol annuviado e triste. De manhã apparecia tudo coberto de neve; as hervas brancas, crestadas; e os caminhos inteiricados, n'uma dureza desconsoladora de corpos sem vida. Quem havia de trocar o bem estar morno da cama por aquellas caminhadas para a egreja, fria, humida, sem conforto, ladrihada de tijollo amarello, sob o rigor da estação que passava?

Parecia-me aquillo uma loucura. Não obstante sentia gente passar, arrastando o calçado no pavimento da rua, e ouvia um fallatorio animado, alli mesmo, defronte, enquanto a porta do templo se não abria. Uma vez, outra e outra... impacientava. Serão elles menos ajuizados do que eu? Terei eu mais juizo do que elles? perguntava. Eu não conhecia nenhum preceito que me mandasse levantar da cama áquella hora para ir expôr a minha construcção debil áquelle frio de enregelar. Mas as noites eram tão longas! Dormia tanto! Pela manhã já me sentia mal n'aquelle bem estar morno e suave.

— Hei-de levantar-me. A'manhã não falto. Quero vêr a novena.

Assim pensei e assim ajustava commigo mesmo. Ao outro dia o sino tocava modestamente, n'um tom bondoso, convincente e convidativo. Ouvia falar á porta, aos que mais madrugavam, enquanto a Egreja se não abria. Na rua percebia-se o passo dos que concorriam...

— Mais um pouco e levanto-me. Primeiro que comece ainda leva o seu tempo, dizia commigo.

E aconchegando a roupa, e abrindo os olhos, intimamente resolvido a quebrar aquella modorra, ia contando o tempo pelo bater compassado do relógio.

— Mais um quarto de hora e salto fóra da cama.

Contava então os segundos pelo tic-tac da pendula americana, um, dois, tres, mais... Mas não levava carreira direita. A attenção dividia-se-me, passava a outro objecto, esquecia o meu proposito. D'ahi a pouco ouvia uma pancada sonora, só, isolada, que ia encurtando, diminuindo, perdendo até final...

— Ah! que ferro! Era já tarde, protestava. A'manhã não espero; o sino a tocar e eu logo em pé. Vamos a vêr se não vae por diante o meu proposito.

No dia seguinte, o sino tocava effectivamente á mesma hora, ouviam-se as mesmas conversas, os mesmos passos... impacientava-me aquella regularidade. Que força de vontade aquella! Admirava. Fazia um frio!... Brr... E toda a minha coragem não conseguia fazer-me abandonar o quente molle da cama. A perguiça, a indolencia triumphava... a meu pezar.

Afinal, na vespera do Natal pareceu-me que o sino chamava especialmente por mim. Tinha um som mais afavel, mais conyi-

dativo, mais attrahente. Lá fóra sentia-se um grande enthusiasmo, as conversas mais animadas, denunciavam maior numero. Ficou-me a janella aberta e o luar, entrando, vinha afagar-me os pés, n'uma bondade commovente. Impressionou-me devéras aquillo. Seria, acaso, insensível a tudo? Ao sino, ao luar, ao exemplo?...

Não podia ser. Revesti-me d'animo e coragem. Tomei uma resolução inabalavel, e imprimindo aos musculos um movimento forte, sem mais contemplações, ergui-me de um salto.

Quasi me arrependi. Estava um frio de morrer. Brr... Mais frio do que esperava. Banhando o rosto em agua fria,—parecia gelada!—e compondo á pressa o vestuario, enroupado o melhor que pude, endireitei para a Igreja.

Estava já quasi de todo cheia. Nas janellas cortinados vermelhos de damasco e seda, nos altares jarras vistosas, flores frescas e delicadas, ornamentos piedosos, n'uma ordem escolhida, bem dispostos. A cêra accesa, bem espevitada. Ao pé do altar o velho capellão, um velho sacerdote de aspecto bondoso e venerando, cabellos brancos, de Asperges. No centro da tribuna, por cima do tabernaculo estava figurado o presepio. Uma cabinha de còlmo do feitio de tantas outras que se encontram pelos campos. Debaixo, a Virgem e S. José sorrindo para o Divino Infante. Por detraz, a pouca distancia, uns moinhos de vellas brancas, abertas, a vista d'uma pequena habitação e outros accessorios excogitados pela imaginação do artista. Por cima, n'uma larga fita branca, em S, lia-se *Gloria in excelsis Deo*.

Começou a novena. O halito dos circumstantes punha no espaço um calor suave, uma doce tepidez agradavel. Cantavam-se uns versos do fallecido Bingre n'uma doce melopèa singella :

Já se abriram os ceus,
Vem o tempo venturoso...

.....

A noite mais venturosa
Já não tarda muito tempo...

.....

A cerimonia era breve, entremeada com uma leitura graciosa, cheia de lições e ensinamentos. Estava-se alli bem, n'un conforto suave, n'uma placidez de animo verdadeiramente ineffavel. No fim, o velho sacerdote resou a sua missa, a voz clara, o latim bem lido, as ceremonias sem precipitação mas com desembaraço... Depressa corre o tempo quando se passa a contento do espirito.

Quando sahimos, sahia tambem a aurora do seu leito acafroado. Vinha cumprimentar-nos?! Vinha sorrir-nos? Vinha amenisar a athmosphera como uma providencia. Supponho que fazia assim em todos os dias de novena. Bello!

Que pena eu tive de a não ter aproveitado, porque, em verdade, passei alli uns dos momentos mais agradaveis da minha vida.

Tributo de Sangue

No Bairro da Miséria, os ais doridos
São vastos como estrellas no espaço,
Ou lagrimas cahidas no regaço
De Mãe acrisolada pela dôr...
— Parece a Natureza que retrata
Da vida o enygma c'o pincel do Horror.

E o Ceu não a allivia...
E o Mundo vai trilhando o giro seu...

Lá passa mais um dia,
E outro dia vem
E o Pranto, que sulcou a face à Mãe,
Empanando-lh'a vai de esverdeado veu!

Ahi, tomam assento o Pasma e a Tristeza,
— Enygmas d'uma dôr —
E dormem sobre a enxerga e têm logar à meza
O Choro e a Pobreza,
E as garras do Condôr.

E o Rico vê e passa e ri e não melhora
C'o philtro da Alfeição
O Desgraçado, que não tem Aurora,
Nem teve Redempção.

No seu labor diario,
O Malho em punho e o Buril,
A Deus ergueu um Sanctuario,
A's Aves um Redil...
E, de fadigas mais crueis,
Ao Rico dando um aureo Solio,
Colheu, em nome do Direito,...
Um Lar sem luz, sem leito...
—Estranho monopolio
Dos Ricos e dos Reis!

Faminto e Pae e não soffrendo a Dôr
Que a Alma nos consome,

De ouvir a um filho pedir pão,
 Roubou, um dia e outro, uma Illusão,
 Que lhe mantesse a Fome,
 E topou uma grade de Enxovia,
 —Um fóco, aonde o Sol não vai,
 Um dia apoz um dia,
 Seccar o solo humido p'lo Agror
 Das Lagrimas d'um Pae...
 Onde não entra o Ar desinfectado
 A lavar o Pulmão contaminado
 P'lo carbonico da Dôr!

E o Rico, ao passar em frente á grade,
 Crispando a fronte seva,
 Negou um olhar de Piedade
 Ao Martyr, lá ao fundo, envolto pela Treva!...

Ao outro dia, Sceptico fatal,
 O filho do Labor, o symbolo da Paz,
 Sentiu vibrar-lhe n'Alma a corda genial
 N'um Cantico de morte—o seu Apello audaz.

C'o a bocca em Fome e c'o olhar em Pasma,
 O Ceu olhando de revez,
 Os labios agitou—era um Sarcasmo...

O Renegado
 Oh! blasphemava p'la primeira vez!

Sentindo em si o Odio concentrado,
 Fitou do Mundo o turbilhão medonho...
 —Sobre a sua Alma,
 A arder p'la febre do Ideal em calma,
 Cerrou-se a Noite tumular do Sonho.—

E a Treva do carcere envolveu
 O Misero a blasphemar:

—«Oh! Oiro vil, maldito,
 Tu, que apagaste com o teu Brilho alvar
 O Testamento, aberto no granito
 Do cimo do Calvario,
 Aceita hoje o meu...

Maldito o que verteu para o Diccionario
 O *Jubeo* pagão,
 D'humanidade a Lei rasgando ao meio.

E tu que vives do cansaço alheio,
 Hypocrita Villão,
 E traçaste no solo o teu Dominio,
 Mostrando-nos o monstro da Cubiça,
 —O Genitor da Guerra,
 Que antes de ti mal conhecia a Terra,—
 Aceita a Maldição do Exterminio,
 A social Justiça—

Mas o Rico não ouviu dos labios do Proscripto
 O Anathema fatal
 Que foi o Testamento, em Sangue escripto,
 A' ponta de Punhal.

MACEDO VASCONCELLOS.



Mostrando um presumido pintor ao famoso Miguel Angelo
 um quadro que havia feito, cujas figuras eram furtos d'outros
 quadros de varios auctores, e esperando que lh'o gabasse,
 disse lhe então Miguel Angelo:

—O quadro é bello; porém guardae-o do dia de juizo,
 pois devendo ir cada um buscar o que lhe pertence, não fi-
 cará no vosso quadro mais que a tella.

NÃO!...

Sonhei um El-dourado de desejos
 N'uns labios rubros que este amor exalta;
 Mas, se mendigo as per'las dos seus beijos,
 Recebo um—Não! que pôdem fazer falta!...

F. DE S.

Charada n.º 3

Este pronome da ilha corre na repartição—1—2—2

As lições de Mimi

O quadro era ga'ante. Na velha ottomana de ramagens vermelhas, que d'um angulo da saleta se estendia ao longo da parede, sentava-se o avô Bernardo, muito embrulhado em cobertores de papa, n'um aconchego de ninho consolador.

Ao centro a mesinha de costura, no meio da qual o candieiro de petroleo ostentava um *abat-jour* muito rendilhado, fazendo cahir a luz suavemente. Em volta sentava-se a D. Margarida e sua filha, a adoravel Mimi, que punha a nota alegre n'aquelle conjuncto.

Ha muito já que um vacuo enorme se fazia sentir n'aquelle lar, e desde então a nuvem triste da saudade envolvera n'um véu sombrio aqueles semblantes.

A ausencia de Mimi, que se recolhera a um collegio para se educar, deixára ermo o *ménage* que, a'gum tempo antes, havia já soffrido a perda do esposo querido.

A D. Margarida, uma senhora intelligente e muito illustrada, uma fina organização d'artista, conhecedora dos mil nadaes que fazem e completam a educação d'uma menina, quizera ministrar á sua adoravel Mimi o pão do espirito tão necessario á vida como necessario é o sangue que nos percorre as veias.

Mas o avô Bernardo, um teimoso innato e um esturrado fidalgo d'outras eras, orgulhoso do seu sangue azul, opposera-se terminantemente á resolução de sua filha.

— Era realmente ridiculo que a Mimi ficasse em casa. Que diriam? A neta do Bernardo Antunes de Nellas e Lencastre, da antiga geração dos Seccaes, educada em casa! Presentemente qualquer filha de tendeiro vae para o collegio; é a moda, é a epocha...

Era realmente a moda. A educação moderna, em todos os seus requintes, manda que aos dez annos se entre para um collegio e aos dezoito se faça exposição de tudo que por lá se aprendeu.

A Mimi foi. O seu coração alanceado pela saudade deixava outro mais enfermo, duplamente dorido pela soledade em que ficava. Lagrimas que são pedaços da nossa alma a diluïrem-se na dôr intima que nos consome.

A Mimi triste tambem passava os dias no collegio, como uma avesita que sae do espaço amplo e entra na pequenina gaiola.

A gaiola é bonita, alegre, elegante, tem arabescos engraçados e cornijas esquesitas; está-se alli bem; entra-lhe uma nesga de sol e a aragem perpassa-lhe de mansinho; o painço tem o seu louro mate a provocar desejos e os dias passam-se rissonhos e descuidados. Ah! mas falta alli, n'aquelle pequenino recinto, um sol esplendido, que illumina com uma luz mais brilhante, um sol que nos anima, que nos sobredoira a existencia—o sol da liberdade! Alli tudo eram confortos, tudo eram caricias, mas mais invejavel que tudo isso era a campina verdejante, os macissos de flôres, a floresta altiva, o ribeiro que murmura.

Assim estava a Mimi. O quarto era alegre, os cortinados

alvos, os estofos caros. Respirava-se o luxo, a commodidade; havia palavras attentiosas e consolações amigas.

Mas superior a tudo estava lá ao longe a sua casinha branca escondida em macissos de verdura; o jardim ao lado, onde as tulipas e os jasmims casavam os seus aromas e o tanque ao meio com os cysnes brancos de neve, boiando na agua crystallina. Depois lembrava-se da sua mamã, das suas caricias inegualáveis, d'aquelles mil cuidados que só nascem do affecto de mãe; á noite vinham as historias do avô Bernardo, sempre alegres, frisando bem a nota comica d'um sabor antigo, e aos domingos, no pequeno parque fronteiro á casa, as danças características das camponezas.

Tudo isto encastellava-se na sua imaginação ardente e o quadro apparecia sobejamente risonho para que pudesse esquecer esses tempos, trocados tão abruptamente pela vida sedentaria do collegio.

Entretanto, havia dias felizes, pequenos oasis para uma solidão tão grande; era quando a mamã ia visital-a, levando-lhe n'um olhar, n'um sorriso, n'um gesto, n'aquillo tudo que define o character d'uma verdadeira mãe, toda a consolação de muitos dias e muitas noites passadas a anhelar esses instantes fugases como o relampago.

Depois havia a separação, dolorosa sempre, e a Mimi n'um desespero de avesita presa, entrava para o seu quarto, como quem vae para um carcere. Era a sua cadeia, muito doce, muito suave, mas em todo o caso — a sua cadeia.

Não que a Mimi não tivesse os seus passatempos, não partilhasse dos brinquedos de suas companheiras, não tivesse mesmo aqui e além horas alegres, mas havia sempre uma nuvem a empanar o brilho d'aquelle sol que nos é tão caro e que se chama — Liberdade.

Agora, porém, estava de volta. Viera com os seus desoito annos e uma pequena bagagem litteraria que não a envergonhava.

— Pois sim, dizia-lhe a D. Margarida, vens muito prendada, mas aposto que não satisfazes a uma pergunta que te vou fazer?

— Diga, mamã....

— O'ha, uma pergunta muito simples; porque escolhi este *abat-jour* amarello?

— Ora, a mamã, realmente... Foi porque não encontrou outro de melhor gosto.

— Bonito, sim senhora. E digam-me cá que a educação dos collegios é um primor...

E a D. Margarida sorria-se da sua superioridade. Depois accrescentou:

— Pois fica sabendo que, se escolhi um *abat-jour* amarello, não foi por certo por ser o mais bonito; tu bem sabes que o amarello é detestavel. Mas acima da belleza dos objectos, superior aos encantos que nos seduzem, deve estar sempre o que é mais util e proveitoso, e a melhor còr que convem a um *abat-jour*, por ser a menos inoffensiva, é a amarella.

— Bella lição, não ha duvida, bella lição, rosnavava o avô Ber-

nardo do canto da sua ottomana. n'uma especie de parenthesis que abrira na sua leitura d'um alfarrabio avoengo.

A Mimi gargalhava; na sua ignorancia d'estas coisas praticas, achava ridiculo que se passasse o tempo a pensar em frivolidades. Por isso, esta e outras lições que a D. Margarida atirava á queima roupa a proposito de qualche coisa, deram ensejo a que o avò Bernardo aconselhasse:

— Olha, Margarida, o melhor é marcar lição para todos os dias; e não é só a Mimi que aprende com isso, acrescentava o velhote; cá estou eu que apezar dos meus setenta tambem tenho muito que aprender.

E foi assim que a D. Margarida se decidiu a dar preleções á Mimi, á noite, antes do chá, com grande applauso do avò Bernardo.

Eis a razão do titulo.

A. G.

A PEROLA

(Ao meu presadissimo amigo P.^o Bruno Telles)

Entre as algas do mar, lá no fundo
 E' que a perola vive a sorrir...
 Quem me dera bem longe do mundo,
 Como a perola, sempre existir!

Lá descança, feliz, descuidosa,
 Ao abrigo dos velhos rochedos.
 Como ella, entre as algas, lá goza,
 Escutando da vaga os segredos!...

Lá descança?... E quem sabe se um dia
 Mão profana lhe estorva o gozar,
 Arrancando-a sem dó do seu ninho
 Entre as rochas no fundo do mar?

Pobresinha!... Nem mesmo no fundo
 Do mar alto viver te deixaram!

.....
 Quanta perola existe no mundo
 Que á innocencia bemdita roubaram!

D. S.

MARITIMA

A . . .



Eu penso, meu lyrio doce,
que tu nasceste no mar,
d'um beijo que o sol lá fosse
n'alguma concha pousar.

FIRMINO DE VILHENA.



Charada n.º 4

Aqui na musica este homem veste-se—1—1—1—

Charada n.º 5

Em Aveiro este appellido é uma planta—1—1.

Antonia Rodrigues

A hercína aveirense

Pouca gente em Aveiro conhece a historia d'esta sua compatriota, verdadeira heroína do seculo XVI, e decerto no olvido ficaria, para as gerações hodiernas e vindouras, se um illustre filho d'esta terra e meu amigo, o sr. Marques Gomes, a não tivesse buscado nas publicações coevas e tornado conhecida pelas suas *Memorias de Aveiro*.

Ao reler os apontamentos que possuo, referentes á destemida donzella, pasmo de tanto valor e heroismo, e penalisa-me que, na sua patria, não se tenha honrado a memoria de tão sublimada individualidade. Quando ha pouco ahí se procedeu á nova nomenclatura das ruas, tive desejos de lembrar á commissão o nome de *Antonia Rodrigues*; receioso, porém, de que a lembrança, por tão obscura procedencia, não fosse acceite, conservei-me no silencio, esperando um dia contribuir para a glorificação d'esse vulto historico.

Grande numero de escriptores antigos, entre os quaes Duarte Nunes de Leão, contemporaneo de *Antonia Rodrigues*, a quem conheceu, dão o nascimento da nossa heroína em 1580; porém, o sr. Vilhena Barbosa, occupando-se ha poucos annos do mesmo assumpto, citou a data de 1560 a 1562, certamente por equívoco, pois que, tendo *Antonia* nascido n'esta data, e voltando ao reino no tempo de Filippe 2.^o de Portugal, como os antigos dizem e o sr. Barbosa confirma, seria preciso ter 30 e tantos annos, o que não se apura das notas do erudito escriptor, que indica, quando muito, 20 e tantos. E n'esta hypothese, a viagem de *Antonia* realisar-se-hia por 1580 e tal—quando Filippe 2.^o só tomou a coroa portugueza a 13 de setembro de 1598, data do fallecimento do seu antecessor.

Sem duvidar um instante do saber do insigne escriptor, inclino-me á opinião dos antigos, cujas datas coincidem perfeitamente.

A 31 de março de 1580, sendo donatario d'esta então villa D. Alvaro de Lencastre, 3.^o duque de Aveiro, nasceu *Antonia Rodrigues*, filha de Simão Rodrigues Mareares e Leonor Dias, n'uma casa de mesquinha apparencia, ahí na beira-mar. Seu pae, a quem a vida trabalhosa do mar acarretára graves e prolongadas doenças, não tendo depois meios de subsistencia, mandou a filha, aos 12 annos, para a companhia d'uma irmã casada que ao tempo vivia em Lisboa. *Antonia* era uma linda creança de cabellos e olhos negros, rosada, cheia de vivacidade, travêzsa, mesmo, o que fez com que a irmã principiasse por dar-lhe maus tractos. Depois de cinco annos passados em constante lucta domestica, *Antonia* fugiu de casa, tendo antecipadamente cortado o cabello e vestido um fato de marujo que a occultas comprára na

Feira da Ladra, com o fim de disfarçar-se e sahir do reino em busca de paragens desconhecidas. Chegada que foi á Praça da Ribeira soube da proxima partida da caravella *Nossa Senhora do Socorro* que carregava trigo para a Africa; ajusta-se como grumete sob o nome de *Antonio Rodrigues*, e lá vae, no dia immediato, mares fóra, subindo impavidamente á extrema altura dos mastros, descendo com agilidade e executando com rapidez todos os serviços inherentes ao seu logar, dando, assim, motivo á geral admiração dos tripulantes.

A caravella aportou a Mazagão. Esta praça de guerra, situada na provincia de Duquela, imperio de Marrocos, a 165 leguas d'Aveiro, foi descoberta em 1502 pelo portuguez Manoel Jorge de Mello, por nós construida e fortificada e em nosso poder até ao reinado de D. José 1.º que vergonhosamente a abandonou, depois d'ella ter resi-tido tantos annos aos fortes eercos e duros embates das hostes maritanas!

Segundo uns, *Antonio* fóra abandonado em Mazagão pelo mestre da caravella, a quem culpára, pelo roubo que este fizera no carregamento durante o trajecto; segundo outros, era Mazagão o termo da viagem, e portanto alli terminava o contracto do grumete, bem a pezar do mestre, que via no pequeno um marinho audaz. Como quer que fosse, *Antonio Rodrigues* ficou, e dirigindo-se destemidamente ao capitão-mór da praça, alistou-se na arma de infantaria com o nome com que embarcára.

Conservando sempre incognito o seu verdadeiro sexo, principiou por fazer serviços rudes da caserna como: cosinhar, matar cevados, etc. Pandigava e dormia com os camaradas e namorava as moças mais bellas.

Pouco tempo depois do seu alistamento no exercito luzo, o seu nome tornou-se assás conhecido em toda a villa, pela destreza com que jogava as armas e intrepidez com que anticipava os christãos nas sortidas contra os descendentes de Mahomet.

Antes de decorridos dois annos, *Antonio* foi mudado, por distincção, para a arma de cavallaria; e tão rapidamente e com tal mestria n'ella se desenvolveu, que poucos mezes depois ninguem, entre todos os fidalgos, montava um cavallo com tanta firmeza e elegancia.

Foi n'esta arma que *Antonio Rodrigues* se tornou verdadeiramente celebre, assombrando o exercito luzo e lançando o terror nas fileiras inimigas. Contam-se até verdadeiros prodigios de audacia e valor em varias correrias que «o terror dos mouros» dirigiu, combatendo encarniçadamente e distinguindo-se acima de todos!

Faz-me lembrar Eurico, «o cavalleiro negro», junto ao Chryssus, brandindo freneticamente o seu poderoso *frankisk* e assolando as hostes de Tarik.

Por tudo isto que era algo sobrenatural, a nobreza de Mazagão abriu-lhe os seus salões e recebeu-o em alta consideração. Não tardaram as damas a requestal-o, a que elle correspondeu gentilmente, vendo-se, com tudo, por vezes, seriamente embaraçado com tantas e tão elevadas pretensões. Durante tres annos foi entretendo estes amores ficticios, até que um dia, receiando

qualquer desfecho desagradavel, abandonou a D. Beatriz de Mendonça, dama illustre, que nutria pelo mancebo profundo amor. Esta senhora apaixonou-se por tal fórma do namorado que a desprezára, que seu pae, D. Diogo de Mendonça, um dos primeiros fidalgos de Mazagão, teve de pedir ao capitão-mór para que fizesse com que *Antonio* lhe despozasse a filha. Chamado este ao alcaçar á presença do governador, e não podendo, sem grande desdouro para si, annuir ao que lhe era pedido, confessou o seu verdadeiro sexo e toda a sua vida aventureira. A nova correu pela villa com a rapidez do raio, deixando os habitantes maravilhados. E, em verdade, quem podia suppor tanta destreza, valentia e heroicidade n'uma mulher?

Antonia Rodrigues, «a cavalleira», como depois lhe chamavam, foi muito presenteada pelas damas, que a vestiram consoante o seu sexo. Continuou gosando a consideração e o respeito da nobreza da villa, e todos os fidalgos, á porfia, desejavam possuí-la. Um d'estes, militar distincto do exercito christão, desposou-a com grandes pompas, a que assistiu a gente mais grada da fortaleza. Vieram depois a Portugal. Filippe 2.^o que a esse tempo esbulhava o nosso reino em proveito do seu, ao ser-lhe apresentada a celebre heroína, cuja fama echoara já na metropole, galardoou-a com a mercê de duzentos cruzados para ajuda da viagem, uma tença de dez mil reis annuaes, em vida, e uma fanga de farinha cada mez. Annos depois *Antonia* viuvou. Voltou ao reino quando tinha perto de 35 annos, em companhia d'um filho, creança ainda, a quem D. Filippe fez a mercê de nomear moço da sua real camara.

Até hoje, por mais que tenha procurado, não me foi possível saber aonde falleceu e jaz sepultada.

Eis, a simples e defeituosos traços, a historia d'essa grande mulher que tão heroicamente honrou a sua patria e cujo renome quasi passa hoje desapercibido aos filhos d'Aveiro.

Pediram-me para escrever alguma cousa no «Almanach Aveirense» — a mim, obscuro operario encadernador, que vivo ignorante e quasi ignorado! Como, porém, me sobrasse a vontade, apesar da tarefa deveras ardua para quem calleja as mãos durante o dia, resolvi dizer qualquer cousa sobre esta boa terra, que é hoje, por assim dizer, a minha patria adoptiva, pois que, ha onze annos aqui constitui familia e conto bastantes amigos que me honram com a sua estima. N'aquelle intuito, escolhi o nome de *Antonia Rodrigues*, a illustre filha de Aveiro. E posto que a penna seja demasiado fragil e tacanho o intellecto, creio não ter escolhido mal.

Em outra occasião e d'uma fórma hem diversa, occupar-me-hei do mesmo assumpto.

ADRIANO COSTA.

Charada n.º 6

Sem ser segunda nem falsa alegre — 2 — 3

Terrível desenlace

Amava doidamente a filha d'um barão,
Que tinha o seu solar em uma certa aldeia;
Não fallava o francez, mas em compensação,
Sabia cosinhar e fazia bem a meia!

Passava o tempo assim n'um idyllio ethereo...
Um dia e outro dia e sempre o mesmo ardor!
Tinha-a mesmo já tomado um pouco a sério!
Sentia-me feliz com este immenso amor.

Mas ó fatalidade! Sinistra occasião!
Quando suppunha vel-a a dirigir a rega
Ao fundo do trigal, encontro-a ao portão,

Gesticulando a sós, cambaleante, cega,
Beijando a cada instante o lamacento chão!
«É que sahira o pae e não fechára a adega.»

(1882)

MAGALHÃES MESQUITA.

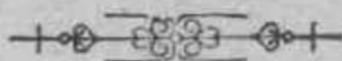
Um individuo entra n'um estabelecimento e compra um maço de tabaco hollandez. O caixeiro ao contar o dinheiro encontra um vintem falso:

— V. Ex.^a dá-me aqui um vintem falso!

O freguez que ia a sahir volta-se e responde:

— Oh diabo! Queira desculpar que foi engano. Quiz só vêr se o passava...

— Ora essa! A's vezes succede-me o mesmo.

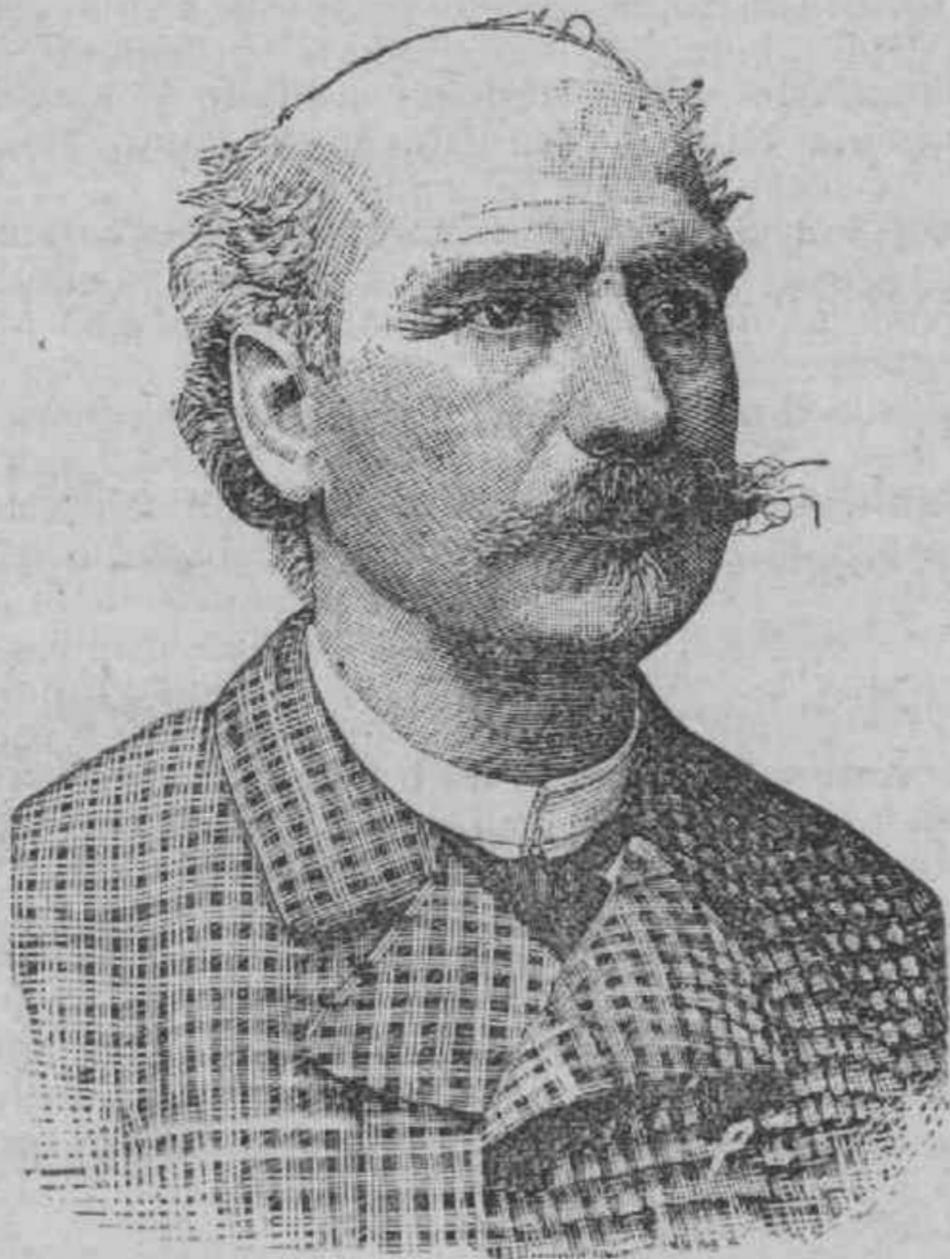


Charada n.º 7

Na musica, na musica e na musica—1—1.

Charada n.º 8

Este animal com esta consoante formam um adjectivo—2.



JOÃO DA MAYA ROMÃO

Quando escrevi o artigo de apresentação, que se lê no principio d'este Almanach, não suppunha ter de subir a escadaria; mas o caso é que subi. Bem sei que sou uma nota discordante. Não tenho casaca, não uso luvas e até ia a dizer, se não vestisse uma roupita como qualquer mortal, que appareço aqui como Deus Nosso Senhor me fez.

Pois é verdade. Eu cá estou na sala nobre por dois motivos: — para ser o apresentante de uma carta, notavel de criterio, do meu illustre amigo Mello de Mattos, que em outro logar se lê, e para dizer alguma coisa sobre João da Maya Romão, que teve a delicadeza de fazer o desenho do frontispicio d'este volume.

Não é novidade o eu dizer aqui que João Romão é uma das nossas mais bellas organizações artisticas e que seria uma gloria nacional se vivesse em um meio, onde o seu grande talento

se pudesse robustecer com o estudo. É um facto que está no conhecimento de todos, embora não se possa cuadunar com a modestia que é uma das qualidades sympathicas do seu character.

Eu não tenho conseguido os dados precisos para a biographia de João Romão, porque, sendo uma surpresa, arranjada *ad hoc*, a publicação do seu retrato e do seu elogio aqui, não pude perguntar-lhe qualquer coisa que levasse ao seu espirito uma certa desconfiança.

Sei apenas que nasceu em setembro de 1841 e que é filho de Ricardo da Maya Romão, sendo professor de desenho no lyceu nacional d'esta cidade. Sei mais que foi presidente da commissão organisada com o fim de levar a effeito o levantamento da estatua do genial tribuno José Estevão Coelho de Magalhães, onde prestou os serviços mais relevantes.

Em todo o caso, a sua gloria evidencia-se como artista.

A capa d'este Almanach, pela singeleza elegante, pela impressão vivissima do naturalismo maritimo, é uma prova da minha affirmativa.

Um retrato á penna de Rembrent que fez para o Barão de Cadoro é uma notavel manifestação do seu talento. A luz e o sentimento obdecem a um principio evidentemente artistico.

Em casa, tem João Romão, quasi completo, o retrato á penna de Meissonier, em um prato de *terre cuite*, cheio d'essa vivacidade naturalissima que é o patrimonio dos grandes artistas.

Os retratos a oleo de Zé Palavra, Francisquinho de Jesus e Cabo Pina, typos que foram muito populares em Aveiro, são notaveis pela verdade da expressão e pela frescura das côres.

Os desenhos a crayon, em uns pratos pertencentes a João Mourão, são de uma deliciosa consciencia de observação e de colorido.

Tambem é digno de citar-se o retrato a crayon de José Estevão, que pertence à casa da Vista Alegre. A firmeza dos traços, a vivacidade da expressão, as tonalidades de luz, enfim, toda a esthetica do quadro, definem o talento artistico de João Romão.

São tambem reveladores de muito talento os projectos das casas do Visconde de Valdemouro, da camara de Estarreja, de Albergaria-a-Velha, etc.

Por fim, e para não alargar mais estas linhas, que tem um limite dado, devo citar um cinzeiro, um paliteiro e um portecartas, obra em gesso que causaria inveja aos melhores artistas. Apesar de sabermos que são artificiaes, nós chegamos a duvidar d'essa artificialidade. As pedras e as conchas dos moluscos estão feitas de tal maneira que as julgamos naturaes. Ha pouco, estando eu em casa de João Romão, sem que elle soubesse o verdadeiro fim que me levava alli, a examinar estes objectos, elle pegou no lapis e disse:—«Isto já está com algumas imperfeições, porque quem aqui vem, com um bico d'alfinete ou com a ponta do lapis, experimenta se isto realmente é gesso.» E dizendo isto, fez elle mesmo outro buraco com a ponta do lapis, sendo então que concordei que tudo aquillo é gesso transformado em uma obra prima por um talento grandioso. Isto fez-me lembrar logo o que se conta de Miguel Angelo quando concluiu o *Moysés*. O grande esculptor que só por si bastaria para glorificar a arte romana, quando concluiu a sua estatua, deu-lhe uma martellada

no joelho e disse:— «Porque não fallas?» João Romão, quando mostrou o gesso da sua obra com a ponta do lapis, talvez tivesse vontade de dizer:— «Porque não endureces de modo a parecer natural?»

Não direi mais nada, porque alguém me diz do lado que o espaço não póde permittir mais. Lamento o facto, mas o leitor poderá, por isso, avaliar do merito do artista.

Por mim, saudo aqui muito sincera e entusiasticamente o distincto artista João da M^aya Romão, embora sem a côr que elle costuma dar aos seus quadros, como uma das mais soberbas organisações da arte.

ACCACIO ROZA.



RECORDAÇÃO

Quando risonha e pudica assomavas
 No claro, argenteo ceo d'esta minh'alma,
 A luz puríssima, que então radiavas,
 Vinha tornar-me a existencia calma.

Vi, uma noite, desmaiar teu brilho,
 (Prenuncio d'angustiosa desventura!)
 Fitei-te bem, e quiz seguir-te o trilho...
 Era já tarde, ó symb'lo da candura!

E n'esse instante lugubre, fatal,
 Um sulco magno, perennal de luz,
 Mostrou-me em vez do laço conjugal
 Um evangelho, o breviario e a cruz!

GABRIEL FARIA.

— Quando era rapaz, dizia Calino a um parvo que tinha a ingenuidade de o escutar, trazia no relógio uma cadeia de ouro que pesava uma arroba.

— E como podia você com semelhante contrapezo?

— Ora como, o pezo não era muito porque a cadeira era ôca.

Charada n.º 9

Na musica e na musica aberta este jogo—1—1—1.

Perguntando-se a um sujeito porque se viam frequentemente os sabios às portas dos ricos, e raras vezes os ricos às portas dos sabios, respondeu:

— E' porque os sabios conhecem o valor das riquezas, e os ricos ignoram o valor da sciencia.

Charada n.º 10

Este roedor na herdade é armadilha—2—2

Uma carta de Mello de Mattos ⁽¹⁾

Meu presado amigo

Pede-me V. um artigo para um Almanach d'Aveiro, collaborado sem duvida por Aveirenses, pois que os ha de muita valia nas lides scientificas e litterarias. Como é que eu, que não sou d'aqui e que não tenho interesses pessoas ligados a esta terra, hei-de ir intrometter-me em assumptos a que naturalmente não devo ser chamado?

Em todo o caso, para aproveitar a boa companhia, vou continuar no meu papel de intromettido, mas tentarei justifical-o com a minha profissão. Vou fallar-lhe muito pela rama de um problema de engenharia, applicavel a Aveiro. Não é porém um caso de engenharia hydraulica, mas sim um ramo especial d'esta arte que muito deve aos inglezes e que elles denominam engenharia sanitaria.

Acha-se a cidade d'Aveiro dividida quasi ao meio por tres focos de infecção:—a cadeia, o hospital e o cemiterio que seguem quasi n'uma linha de oeste a leste.

Ora talvez com um bocado de boa vontade fosse possivel deslocar para já um d'elles, quicá o mais perigoso—o hospital. Com um bocadinho de boa vontade e um auxilio que talvez se conseguisse; pois que, em ultima analyse, era um contracto que se fazia, poderia tirar-se o hospital do centro da cidade.

Eis o alvitre que proponho.

Junto da bifurcação da estrada que vae para Ihavo com a d'Avellans de Caminho ha uma planura bastante extensa não mui longe do povoado nem tão proximo d'elle que por irradiação podesse dar-se contagio de epidemias ali concentradas. Era aquelle o local que eu escolheria para edificar não um hospital, mas um

(1) Instado pelo proprietario d'este «Almanach» para pedir alguma producção ao meu presado amigo e distinctissimo engenheiro chefe da 2.^a circumscripção hydraulica, sr. J. M. de Mello de Mattos, accedi, com prazer, porque me é sempre agradavel servir os que tem amor ao trabalho, e pude obter esta carta que, sendo devéras honrosa para mim, é, ao mesmo tempo, uma prova clara do muito affecto que o seu auctor dedica a esta terra, terra cheia de tradições nobilissimas, mas lançada a um ostracismo aviltante por governos e governados, terra que habita e que engrandece com a sua dedicação e com o seu talento.

O ultimo periodo da sua carta, provando o sentimento da modestia, qualidade tão rara n'estes tempos em que predomina a vaidade d'uns e o epicurismo d'outros, prova tambem o desinteresse com que advoga os melhoramentos d'Aveiro. Ha cartas, onde o temperamento psychologico, mostrando-se a toda a luz, sem os prismas do estylo, são a auto-biographia do homem. Essa é uma d'ellas, e Mello de Mattos, definindo o seu amor por esta terra, define-se claramente,

Accacio Roza,

conjunto de edificações com todo o confortavel para ali poderem sem perigo tractar-se as doencas que affligem a pobre humanidade.

Dois edificios, systema Tollet, formariam a peça principal. Ali seriam concentrados os doentes de um e outro sexo, cujo contagio não é perigoso para os outros enfermos. Em edificios separados haveria as enfermarias necessarias para os variolosos e outros atacados de doencas epidemicas, uma casa para a administração, outra para as operações, outra para autopsias, uma pharmacia e os mais edificios que reclama a hygiene hospitalar. Estes edificios todos seriam circumdados por uma grade e no meio d'elles haveria jardins em que podessem passear os convalescentes.

As casas assim teriam luz, ar do campo, exposição desafogada, isto é todas as vantagens de que carecem edificios d'esta natureza.

Estou porém a ouvil-o engatilhar a costumada pergunta.... e o dinheiro?

Ahi vou. Não foi só com o intuito de delinear um grupo de edificações que podessem dar vontade de estar doente, que propuz a serie de edificios que acima viu innumerados. Outro fim tinha em vista.

Aquellas casas seriam delineadas e estudadas em um plano de conjunto, um projecto geral, como se diz em termos technicos e tão completo quanto o exige a hygiene hospitalar. Depois construir-se-iam os dois edificios principaes e, á medida que houvesse dinheiro, os outros. Poderiam as obras tornar-se um segundo tomo das de Santa Engracia, mas que importava, os promenores seriam de cada vez mais perfeitos e decerto que não seriam tão importantes que exigissem modificações do projecto geral.

Mas lá o torno a ouvir objectar-me. Gastar pouco de cada vez, está bem. Mas esse pouco é dinheiro e d'onde ha de vir?

Ora o casarão em que agora está o hospital não vale dinheiro? Não poderá elle ser applicado, fazendo-lhe ali umas obras pouco importantes, picando-lhe as paredes, deitando-lhe abaixo as calças e os rebocos, lavando-lhe as paredes e as madeiras com sublimado corrosivo, com agua de Labarraque, com agua phenica, com agua de chloro ou com qualquer dos contenaes de desinfectantes que a chimica tem inventado, destruindo-lhe tapamentos e fazendo outros, não poderiam installar-se ali e muito bem o tribunal, as repartições publicas municipaes e até algumas do districto? Decerto que sim.

Por consequencia o meu plano seria este.

O municipio faria um contracto com a Misericordia para lhe entregar no praso de vinte, trinta ou o numero d'annos que se estipulasse um grupo de edificações hospitalares, segundo um projecto que de antemão se combinasse.

O mesmo municipio faria desde já os dois edificios principaes a que me referi e entregal-os-ia já á Misericordia que, em troca, lhe daria o casarão em que está o hospital.

O resto excusado é dizel-o; mas se as finanças municipaes não aguentassem com a obra, o governo, se ali tivesse installadas repartições suas, durante alguns annos pagaria renda das casas ao municipio assim como agora a paga a particulares para algu-

mas repartições ou, se pudesse e quizesse, concorreria com um subsidio para as obras.

Nas trazeiras do casarão em que agora vivem os doentes não haveria meio tambem de installar a cadeia? Talvez e quem sabe as vantagens Moraes que d'ahi poderiam advir para os presos. Não terem outro horisonte além do cemiterio e das Agradas, contemplarem a magestade da morte e a magestade dos campos por vezes alagados, verem ao longe a locomotiva trahindo-se pelo fumo que deixa atraz de si como um remorso a que pretende fugir; tudo isto não traria os cerebros dos criminosos as ideias sans de trabalho de honestidade? E depois ainda se deslocaria da praça e da frente da estatua de José Estevão os *ferros d'El-Rei* e para que junto do cemiterio ficasse a cadeia.

E onde esta se encontra, installar-se-ia a escola de desenho industrial e um muzeu municipal que tão preciso se torna.

Mas voltando ao assumpto principal d'esta carta, de prompto haveria portanto mui pouco a gastar. As duas barracas Tollet e a adaptação do hospital as repartições publicas. Assim o grande higienista d'esta terra, o vento norte, ao soprar por sobre a cidade, encontraria como derradeira recordação da sua passagem o grupo de casas onde os pobres se recolhem, quando a doença os persegue.

Aqui deixo este alvitre que é triplamente de intromettido: primeiro porque não sou d'Aveiro, segundo porque fallo d'assumptos referentes ao municipio e á Santa Casa e não posso ser camarista nem quero ser irmão da Misericordia e terceiro porque alludo ao hospital e não sou medico; mas o meu amigo só deve queixar-se de si porque foi quem deu azo a que viesse patentear mais este defeito o

De v. etc.,

MELLO DE MATTOS.

Charada n.º 11

Na musica e na musica este destino—1—1.

N'um hotel:

Um viajante está sentado na cama e tem o relógio na mão.

— Seis horas, e não veem acordar-me!... São capazes de me fazer perder o comboio!

Charada n.º 12

Reparei que no moinho ha esta bebida—1—1.

PRIMEIRA PAGINA

Eu já devo estar velho; e todavia
Tenho nervos e sangue, e tenho musculos;
E sei pintar em caracteres maiusculos
O riso, o pranto, a colera, a alegria.

Depois de já se ter soffrido tanto,
Vê-se que o choro enerva e gasta a gente:
E é necessario rir abertamente
Da momice ridicula do pranto.

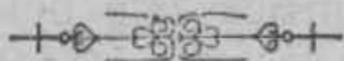
Desejo e quero—e não consigo obtel-o—
O rarissimo *tic* do bom-tom;
Acho infame o que muitos acham bello,
E acho tolo o que muitos acham bom.

N'esta lucta sem treguas, afinal,
Se venço, sou vencido muita vez:
—Guerreio o que é banal, e sou banal;
—Detesto o que é burguez, e sou burguez.

SANCHES DA GAMA.

Charada n.º 13

Aqui, por não ser boa todos a desejam—1—1.



Dois estudantes de direito trocam as suas impressões
n'um baile, onde os decotes são desenfreados:

— Que te parece, pergunta um d'elles, esta esplendida
exhibição?

— Parece-me, respondeu o outro, que até me dá von-
tade de ir fazer exame de geographia apezar de não saber
nada. Não vejo senão espheras brancas!...



Charada n.º 14

Na musica não me seguro n'este posto—1—2.

As salinas de Aveiro

O testamento da Condessa Muma Dona, de 959, é o documento mais antigo que conheço a respeito de salinas de Aveiro. Além de muitos outros bens a Condessa dispoz a favor do Mosteiro, agora Collegiada de Guimarães, das

Terras in aluuario et salinas que ibidem comparauimus (1).

Estas salinas são posteriores a Plinio que tratando de sal e tendo tanta noticia de Talabriga, não falla do sal da Lusitania, observa o P.^o Carvalho na sua *Corographia* (2).

Plinio viveu no 1.^o seculo da nossa era, e desde então até á data do diploma citado vae um longo periodo aberto a conjecturas.

Seria sob o dominio mouro e sob a sua influencia que se estabeleceram as primeiras salinas?

Na mesma collecção *Diplomata et Chartae* encontram-se alguns documentos relativos a salinas, cujos possuidores e confinantes teem nomes arabes, exemplo: Cidi e Ibn (3) e na respectiva technologia encontram-se ainda actualmente as palavras «algibé» e «almanjarra» que são de origem arabe.

Se esta conjunctura se confirmasse teriamos de modificar o nosso juizo acerca da esterilidade do dominio serraceno.

A. EMILIO.

LOGOGRIPIO N.º 1

2—1—4—5—7—Aqui dou dois nomes proprios
6—1—4—2—3—2—Um homem, outro mulher
4—3—E duas notas da musica
2—5—P'ra decifrar se quizer.

CONCEITO

Eu sou homem; tenho um *a*,
Tenho um *a* e tenho um *e*
Tenho um *i*. Senão verá.
E um *o*, tambem o vê?

(1) Portugaliae Monumenta, *Diplomata et Chartae*, pag. 44.

(2) Lisboa, 1708, vol. 2.^o, pag. 134.

(3) Doc. de 1032, a pag. 167, e de 1077, a pag. 334.

A flôr e o arroio

(versão)

Na margem d'uma nascente
mansa, pura e crystallina,
banhada pela corrente,
balouçava brandamente
uma rosa purpurina.

Do ribeiro enamorada
a rosa para elle tomba,
e a triste lympha, coitada,
suspira p'la sua amada,
como gemebunda poimba.

— Só teu amor me aviventa,
ao regato disse a flôr.
— E se vier a tormenta?
— Terei sorte truceulenta:
morrerei por teu amor.

Cerrou-se a noite sombria,
retumbou a tempestade
das selvas na ramaria,
e o relampago fulgia
pela densa escuridade.

Ia o arroio subindo,
turvo, fero, ameaçador,
as ribeiras invadindo,
transformando um campo lindo
em pégo d'algente horror.

— Sou tua! — disse-lhe a rosa
ao sentir-se arrebatada,
— não ha sina tão ditosa
como morrer, venturosa,
ao doce amor abraçada.

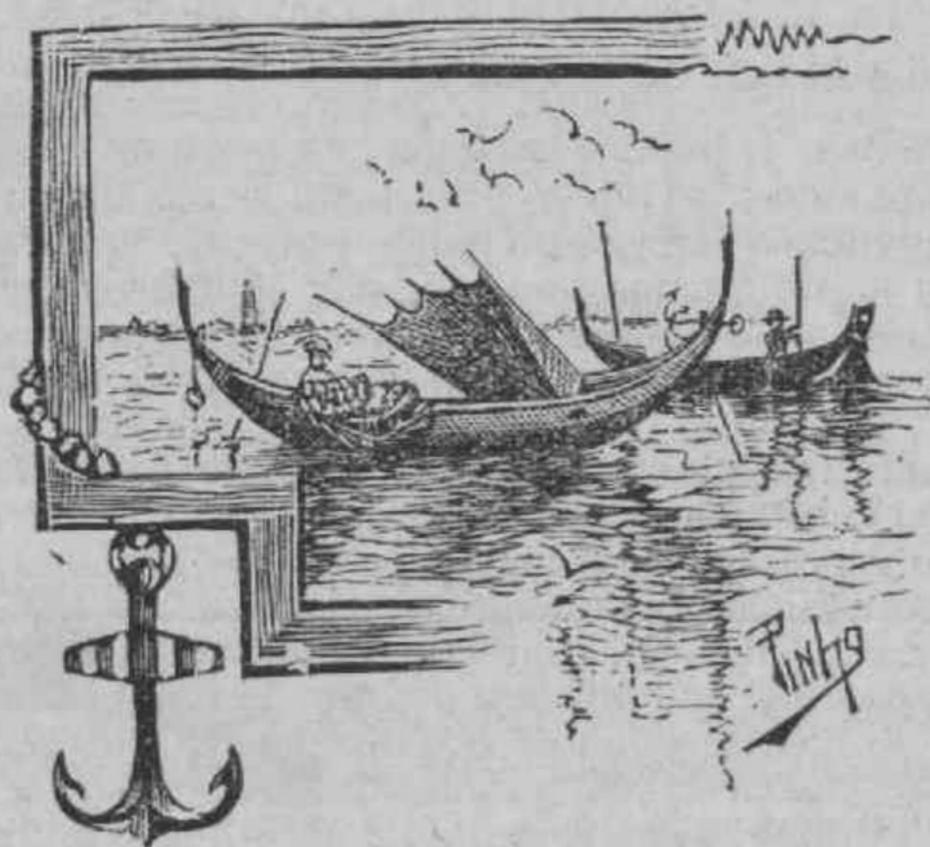
Soltou o arroio um bramido
d'uma profunda tristura,
e a flôr, sem dar um gemido,
achou um berço luzido
em sua propria sepultura!

ISMAEL BRAGA.

Um nome

O bairro é dos mais pobres da cidade. A população é formada de pescadores do mar alto nos longos dias do verão, e de pescadores da ria no inverno; de mercanteis e negociantes de pescado; de commissarios que recebem o genero d'outros centros de pesca nos tempos de escassez, e offerecem-n'o á venda com calculo, retraindo-o, ou enchendo a praça como melhor lhes convém. D'estes ultimos a'guns ha que vivem desafogados, possuindo seus capitaes e outros haveres; mas os primeiros, que constituem o maior numero, são rigorosamente pobres.

N'estes misteres afadigados e rudes, cortados de sobresaltos e inquietações, em geral, os homens adquirem grave o aspecto, e tem o rosto vincado, os membros duros e musculosos, a acção ora prompta e rapida, ora moderada, meticulosa, como de quem teme de aventurar e perder n'um lance arriscado todo o fructo de muitas semanas de fadiga. As mulheres não desmentem estas qualidades: são videiras, activas, energicas e alegres, de gestos largos, a falla clara e vibrante, com uma entonação final propria, caracteristica e graciosa.



A's vezes, nas longas horas de trabalho, na praça, ou no armazem, pôdem vêr-se serenas e socegadas, em grupos, avian-do a tarefa, empilhando a pescaria, despachando-a em carroças, para o caminho de ferro, ou recebendo-a e dando-lhe o devido destino; encarecendo-a aos consumidores, exagerando as proprias canceiras, amontoando lastimas sobre a escassez dos

ganhos, ou erguendo louvores ao Céu porque a semana foi boa, graças a Deus... Então são amoraveis, doces e insinuantes. Mas se a orchestra desafina, se a vizinha se intromette com a vizinha, se a provoca, se ousa chasqueal-a sob qualquer fórma, sob qualquer pretexto... Santo Deus, o que alli vae! Levanta-se uma tempestade medonha, uma saraivada de improperios que estruge, accesa, durante o dia, quando se não prolonga pela noite dentro, retumbando d'um a outro extremo do bairro. E não ha Santa Barbara possivel em taes apertos!

E, pois, uma vida afadigada e aspera a da gente do bairro.

O maior numero mal ganha o pão quotidiano, incerto sempre do dia de amanhã, com privações e sem esperança de amontoar peculio. A miseria ergue, portanto, bastas vezes por alli a aza escura e quantas! quantas! a arrasta pesadamente sobre familias inteiras! Sabe-se isto na cidade, onde nos lances afflictivos se colhem soccorros para os desvalidos; e no paiz mesmo o facto não é desconhecido, determinando por vezes a vinda de soccorros officiaes. Mas atravez de todas as contingencias da vida, de todas as incertezas do que será o dia de amanhã, quando o mar se fecha á exploração, e o inverno interrompe semanas inteiras o trabalho na ria; não obstante esse cortejo sinistro de miserias que paira frequentemente sobre o tugurio dos pobres, a preocupação d'estes pelos seus desconfortos não é das mais profundas. Tenho-o observado por vezes. É familiar, é corrente o facto. Quando mesmo é certa a fome, a doença, a epidemia, as lastimas dos que mais soffrem, são exiguas em vista da severa realidade. Ou o mal não é lá entendido com todas as negruras, como os extranhos o figuram, ou ha uma confiança firme no auxilio da Providencia, — a grande torça, o grande amparo da gente do povo.

Assim é que a festa do orago, o anniversario de qualquer mysterio da religião na igreja da freguezia, a paschoa, o natal, etc., tudo desabrocha alegrias e inflora sorrisos na povoação. O repique festivo dos sinos annunciando a solemnidade, o estrallear dos foguetes pregoando, alto, o brio dos festeiros, o sr. abade ou prior passando, de habito talar, para a missa da festa, o Templo vestido de gallas e ornado de flores, os lustres suspensos do tecto, a cera accesa no throno e nos altares, o sacristão de bata encarnada fazendo a pollicia do lugar, os mordomos com os seus fatos domingueiros, as opas, o sermão, a musica, tudo isto encontra desanuviado o espirito do pobre povo, do generoso povo, da magnanima multidão, dos homens, das mulheres e das creanças; tudo isto lhe enche a alma e dá prazer, apagando com bellos clarões fulgurantes, as nuvens escuras da existencia. Um momento, ao menos, enquanto os sinos repicam, enquanto se queimam as girandolas, enquanto a musica anima o Templo de harmonias, ou formada no couce da procissão atravessa o Bairro, respira a alma outro ar, alarga-se a vista por outros horisontes, expande-se o coração n'outros movimentos.

Mas nem só a festa religiosa, nem só o Templo com as suas santas recordações, azylo e refugio da alma dorida e anceada, é para o povo motivo de alento, iman de consolação. Lá mesmo, a dentro d'aquellas modestas casinhas brancas de doce apparencia, alegres, aconchegadas umas ás outras, como a sardinha empilhada dentro da canastra; de lá, tambem, surgem almas aladas, anjos protectores dos infelizes, verd ideiros mananciaes de consolação, thesouros inexhauriveis de caridade para com os pobres e desvalidos. Adivinham a doença mal esta apparece no seu humilde tugurio. Sonham a necessidade, quasi antes d'ella se fazer sentir. São uma outra Providencia, vigilante, visivel, de fôrma toda humana, divina nas in pirações e na dedicacão. Levam o pão onde o não ha; o agasalho onde mais mingua; o auxilio medico, onde é reclamado na voz sumida da indigencia... Bellas almas, doces corações, typos do Evangelho, eu vos saúdo. Sem o suspeitardes—vosso nome é pronunciado com devocão, o vosso vul-

to infunde respeito, inspira a mais doce, a mais consoladora sympathy.

Symbolo de todos estes preciosos sentimentos foi aquella santa, Maria do Nascimento, cujo vulto tenho presente, vivo á lembrança, ao traçar estas linhas. No seu traje caracteristico, simples, um tanto em desalinho, soltas as pontas do lenço escuro por debaixo do queixo, o chapéu derrubado, o chale da semana, esquecida de si propria, não tendo já do seu que dar aos pobres do seu bairro, nas occasiões de mais miseria, descia á cidade com a bolsa na mão, fitos os olhos na Providencia do ceu, ella providencia da Terra, pedindo esmola para os infelizes do seu bairro, e satisfeita lá voltava, depois, a distribuir pelos seus necessitados as esmolas colhidas.

Ah! Ainda não encontrei figura que mais me commovesse, que mais se me gravasse na memoria. Generosa alma! Ella foi abençoada em vida por centenas de corações agradecidos. Todos os que a conheceram a choraram na morte. O seu funeral foi uma apothese, espontanea, sincera, condigna, como só o povo as sabe fazer. Quando o cortejo fúnebre passava para o cemiterio, eu descobri-me com respeito, e talvez com lagrimas tambem.

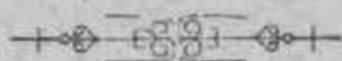
E, felizmente, á beira da sepultura, ninguém lhe profanou o nome venerando e venerado, com palavras banaes e phantasiosas, d'estas que os respeitos humanos impõem, ou as convenções sociaes determinam. Ninguém lhe levantou uma lapide commemorativa dos seus serviços á causa dos desvalidos. No coração de cada um dos seus pobres, é que ficou gravada eterna a lapide; e no bairro a memoria do seu nome jamais se apagará, creio eu.

R.



Charada n.º 15

A primeira n'esta povoação é arvore—1—3



Um guarda fiscal desconfiando d'um homem embuçado:

—O que leva ahí?

—Um estoque, responden o embriagado.

—Então, dê-o para cá, porque é uma arma prohibida.

E passando-lhe revista, encontrou-lhe em vez da tal arma uma garrafa de vinho. Bebeu o seu contheudo e entregando a garrafa disse-lhe :

—Aqui tem, vá-se embora e dê-se por feliz, porque do estoque leva ainda a baiuha.



Charada n.º 16

Não é boa esta nação sem este invento—1—2.

PROSPECTO (1)

Ao som d'uma sanfona galhofeira,
Qual Democrito, rir vou o meu bocado,
De tanto Lusitano corcovado,
Que de Marmota às costas, fazem feira.

Eu bem sei que esta tropa corcundeira
Me ha de assaz praguejar, dar mau olhado,
Mas de figa azeviche eu ando armado,
Presente de Canidia, a Feiticeira.

Hum homem liberal que ama a verdade
Pouco tem que temer, pois não se embuça
Na pestilente capa da maldade.

Pouco me importa que este escarre, ou tuça,
E, se acaso o fizer; é da Irmandade:
Póde pôr na cabeça a carapuça.

(1822)

F. J. BINGRE.

(1) Cópia do autographo. (Prefacio da *Sanfona*),

 QUEBRA CABEÇAS



Começa no numero 1 e acaba no numero 17.



Dr. Joaquim de Mello Freitas

Conhecem-no? E' elle, quasi inteiro, não em carne e osso, mas impresso n'esta pagina. Parece que está ideando, «a granel», varias «garatujas» ou engatilhando «ironias transparentes», suaves, como o suave perfume das modestas «violetas».

—
Tenho por elle quasi que uma veneração, tal é a nobreza do seu character, a grandeza da sua alma franca e sincera.

Pertence á enorme phalange dos que commungam nas sãs doutrinas d'um ideal verdadeiramente justo e racional. E é dos crentes, dos sinceros, dos que aspiram o dia d'amanhã que hade, indubitavelmente, erguer a pátria, hoje assollada por myriades de desastres que nos teem envergonhado lá fóra, aonde, em tempos idos, o nosso prestigio attingia a craveira das nações mais cultas.

Descendente d'uma familia modesta, aliás honradissima, o dr. Mello Freitas formou-se em leis, não tendo, até hoje, feito uzo d'essa carreira.

Espirito essencialmente democrático, caracter impolluto, alma grandiosa, affeita ao sentimento do bem, o dr. Mello occupa um dos primeiros logares na vanguarda do partido do povo.

Physionomia sympathica, absolutamente despido de fatuidades, corteja este, aberta a mão áquelle, falla a aquelloutro, sempre franco, sempre jovial. E então o chapéu anda-lhe n'uma dobadeira...

Nomeado administrador de Ovar durante os tumultos eleitoraes de 1894, engendraram-lhe, em paga da sua neutralidade, rectidão e placidez, um infame processo, de que o salvou a veracidade dos factos.

Simultaneamente com o cargo de official maior do Governo Civil, que distinctamente exerce, tem sido: escriptor, toureiro, actor, ensaiador, jornalista, caçador, commandante de bombeiros, velocipedista terrestre e aquático, do que raros individuos se gabam, etc., etc. Possui anedotas e partidas engraçadas, muitas das quaes, dispersas pelas suas publicações.

Pelo carnaval de 1886 lembrou-se de pregar aos seus amigos e admiradores uma «pirraça grauda, pêta volumosa», como depois lhe chamou; para tal fim noticiou o seu fallecimento n'*A Epoca*, jornal de sua propriedade, tendo antecipadamente prevenido os parentes e retendo-se em casa. O jornal sahio repleto de necrologios, firmados por differentes correligionarios e amigos do *finado*, porém . . . escriptos pelo proprio punho do dr. Mello Freitas! Tornou-se notavel a fôrma que deu aos diversos artigos, imitando habilmente, fielmente, o estylo de cada collaborador. Em sua casa e na de seus parentes cahiu, durante dias, uma infinidade de cartões de pèzames, a que pôz termo o numero seguinte d'*A Epoca*, em que o dr. Mello . . . resuscitou.

Muita gente riu e achou graça á partida, que nem ao

diabo lembrou, e o beaterio indigena olhou-o, por algum tempo, de soslaio...

Fraquezas espirituaes do nosso proximo!

O que deixo escripto não é a biographia do dr. Joaquim de Mello Freitas; isso é trabalho superior ás minhas forças, a que eu não posso abalançar-me.

Que a modestia do illustre filho de Aveiro me desculpe estas singelas phrases, preito unico da minha admiração e respeito pelo seu nobre character.

ADRIANO COSTA.



A FOME

EXCERPTO

Por terra, n'uma prostração de morte,
jazem desgraçados. O ambiente é negro,
feito de miseria. Sonham. A visão da Fome
avança e fala :

Eu sou a Fome, a negra viandante,
Filha da noite, irmã da revolução,
Gero na alma a metralha flammejante
Que arma o braço à ignara multidão.

Nos meus peitos circula um leite duro:
Beberam-n'ó Vaillant, Pallas, Caserio;
E é elle que alimenta os que ao Futuro
Vão abrindo um enorme cemiterio.

Eu sou a Fome; marchó sem trombeta
P'lo silencio das noites sem luar;
As Trevas são a minha capa preta
Em que me embrulho até um quarto andar.

O meu imperio está todo disperso;
Não são forrados d'ouro os meus salões;
O meu palacio é todo o Universo
E o meu throno um monte de canhões.

Vós sois meus filhos, pobres desherdados!
E eu sou a Fome, esq'letico estandarte...
A vida é um direito: sois roubados?!
Tendes a dynamite e o bacamarte!...

Eu sou a Fome, mãe dos desgraçados;
Tenho um peito de gelo e uma alma fria
Onde vós sonhais sonhos desesp'rados
E exgottais os germens da Anarchia.

Quando ás vezes as chuvas inclementes
Tudo alagam e se ouve ao longe o forte
Ribombar dos trovões incandescentes,
Caminho de mãos dadas com a Morte...

Eu sou a Fome, heroica e viperina,
 Que o pão não mata e deixa sempre exangue;
 Eu sou a Fome, tragica heroína
 Ardendo em esperanças mil de sangue.

No podridão dos grandes Lupanares
 Onde a voz do Pudor se não escuta,
 Sou eu, a Fome, quem ergue os altares
 Onde a Virgem se sagra Prostituta.

.....

Seculo! agonisas no teu fim
 E contigo esta raça, vil canalha.
 Esfaimados, tocai vosso clarim!
 Tendes canhões? Enchei-os de metralha!

Que importa a Lei? Que importa a Guilhotina?
 Sereis vós, porventura, irracionaes?
 Se é em nome da Lei que se assassina,
 De que vos servem limpos os punhaes?

FERNANDO DE SOUSA.

LOGOGRIPHO N.º 2

Houve uma vez um santo, —1—5—6
 Que visitando o Fayal, —1—2—3—4
 Exclamou cheio de pranto;
 Não ha vida igual.
 Perguntando um curioso
 Que dizia o bom do velho,
 Disseram-lhe: chora coitado!
 Roubaram-lhe o «concelho».

N'um barbeiro d'aldeia:
 O barbeiro, preparando-se para barbear um freguez,
 cospe repetidas vezes no pincel do sabão.
 —Então que diabo de porcaria é essa?
 —E' por ser v. s.^a, porque nos outros freguezes não
 estou com estas coisas. Cuspo-lhes na cara, que é muito mais
 rapido!

FIDELIDADE

(Ao suavissimo poeta Dias Simões)

Virtude inapreciavel, santissima e nobre, que em qualquer peito, onde floresça pura, não ha premio por maior que a corrompa, brilho por mais aurifero que a seduza, força por mais valerosa que a vença, nem morte por mais atroz que a renda ou escale, obrigando-a a revelar o segredo de que se acha de posse, segredo de que ella é arca impenetravel, escudo fortissimo, escriptorio infrangivel.

Porque, quanto mais agudo é o soffrimento, mais convidativo o premio ou mais fascinante o ouro, tanto mais essa virtude, *avis rara*, subtrahe, retira e esconde o segredo, cerrando á indiscrição, á violencia ou á crueldade o negro reposteiro do silencio.

Os Romanos, patricios ou plebeus, consules ou senadores, estimavam-n'a tanto, de tal consideração a revestiam, que lhe levantaram uma estatua grandiosa no melhor logar do Capitolio, junto a Jupiter (1); e com razão o fizeram, porquanto é ella a base em que assenta inabalavel o fundamento da justiça, da verdade e da constancia.

Porém, ao passo que no limpido crystal da fidelidade se reflectem, se estampam e rebrilham todas as outras virtudes, que constituem o cabedal riquissimo das venturas d'um povo, a perfidia, ao contrario, absorve, digere e assimila em seu bojo nefando todos os vicios que escravizam o homem e o amarram para sempre ao pelourinho infamante da hediondez.

Aborrecido é o homem soberbo, insupportavel o avarento, malquisto o mentiroso (2); importuno o nescio, mal visto o lascivo, detestavel o ladrão e mal reputado o inconstante; o traidor, porém, é tal, tão asqueroso e repellente, que, á sua vista, sendo todos os vicios grandes na malicia, parecem pequenos e mais toleraveis. Aquelles poderão ainda despertar condolencia em alguns espiritos compassivos; este, porém, só tem a tagantisal-o impiedosamente o durissimo látego do desprezo, e a sacial-o o negro fel da repulsão. Por isso, com fundamento disseram Seneca e S. Agostinho que não tem mais que perder o que perdeu a fidelidade (3): «*fidem qui perdidit, perdere ultra nihil potest.*»

A historia, essa pregoeira da antiguidade e a testemunha indefectiva dos tempos, no dizer de Cicero, é fertilissima ceára, onde ceifar exemplos admiraveis d'essa virtude sublime, que n'ella sobresahe como amphora, luzente e augusta, d'onde sorver a plenos haustos a luz vivificante da heroicidade e da constancia, do cavalheirismo e da honradez de character.

(1) Lic., De Republica, liv. 2, cap. IV.

(2) Aboym, Escola Moral, pag. 270.

(3) Seneca, Da constancia do sabio, pag. 56.

(4) S. Agostinho, tom. II, Carta 228.

No concurso de todas as nações, porém, surge, vibrante de superioridade, Portugal, que a todas ellas se avantajava em rasgos heroicos d'essa preclarissima virtude. D'entre elles respigamos alguns, que honrando sublimam, e exaltando eternisam a nacionalidade portugueza, por quanto se acham gravados em caracteres indeleveis no bronze incorruptivel da immortalidade.

Porque, na verdade, quem não se sentirá ufano, ao possuir uma historia, onde resplandecem, fulgurantes de heroismo, os feitos d'um Egas Moniz, symbolo immaculado da fidelidade lusitana, que não querendo ver manchas no balsão da sua patria, eil-o a caminho de Toledo com todos os seus, descalços e de barão ao pescoço, offerecendo assim as vidas que elle reputava em pouco, para resgatar a honra do seu paiz e a lizura da sua palavra, que elle tinha como o mais nitido lustre do seu brazão?

D'um Martim Moniz, que, fiel ás ordens recebidas, deu o valor do seu braço, a coragem do seu animo e o sangue das suas veias pelo glorioso desfecho da tomada de Lisboa, e que, depois de morto, querendo ainda ser util á sua causa, serviu com o seu cadaver como que de ponte de vingança ao valor portuguez?

D'um Nuno Gonçalves, que preso pelos castelhanos em tempo de D. Fernando, qual Atilio Regulo pelos cartaginezes na primeira guerra punica, preferiu matarem-no cruelmente, junto ao castello de Faria, a ceder aos instantes pedidos de seus inimigos?

D'um Martim de Freitas, o lealissimo alcaide do castello de Coimbra, cuja fidelidade, intorcivel e tenaz, resistiu d'um modo epico á seducção de promessas e ao esforço do ataque, para só quebrar gloriosamente ante o aspecto cadaverico d'aquelle, que em tempos idos lhe confiára esse castello, e a quem o infortunio e a perfidia, guerreando em vida, seguiram ainda além da campa?

D'um D. Fernando, irmão do rei eloquente, que teve em mais o engaste da praça de Ceuta na corôa portugueza, do que a sua liberdade captiva e a sua vida acabada em infecta masmorra?

D'um D. Duarte de Menezes, junto do rei Africano; d'um Affonso Annes Penedo, ao lado do mestre d'Aviz; d'um Duarte de Almeida, d'um Gonçalo Pires, d'um Duarte Pacheco e tantissimos outros, em quem poder não tiveram a perfidia, a deslealdade ou a cobardia?

Todos esses vultos grandiosos, aureolados por alvissimo nimbo de gloria, são dignos d'um profundo respeito, d'uma sympathia immensa, d'uma veneração cordealissima; e porque o são, aqui lhes presto a humilde homenagem da minha admiração sincera, a elles, que representam como que as pedras illustres que formam o grande alcaçar da honra, o augustissimo baluarte da fidelidade portugueza, onde tremula, ovante e immaculado, o glorioso pendão das quinas sacrosantas.

P.º BRUNO TELLES.



Charada n.º 17

E' um Deus inutil este homem—2—1.

Não te desgostes...

Alba ligustra cadunt; vaccinia nigra leguntur.

Virgilio, *Ecloga II.*

Ficaste desgostosa,
por te chamar trigueira?
O' anjo, ó feiticeira,
não te desgostes, não!
— Nem só a branca rosa,
nem só as brancas flores
fallar sabem de amores
ao nosso coração!

O marmore é formoso,
se brilha pela alvura.
E o jaspe na escultura
as artes faz brilhar!
— Toçar-lhes dará goso,
ainda que de leve? —
E, quem beijar a neve,
que goso ha de encontrar?

E goso não daria
beijar-te a mão formosa?
Quem a tocar, não gosa
do mais grato calor?
E não lhe esqueceria
da vida a desventura,
sentindo a chamma pura
do mais suave amor?

A candida violeta
terá mais sympathia
e mais terna poesia,
que a roxa, ha de inspirar?
— Não vês, que a borboleta
com tanto ardor procura
a roxa na espessura
e, meiga, a vae beijar?

Bem sabes, ó donzella,
que já cantou Virgilio,
no mais mimoso idyllo,
a trigueirinha côr!
— Que importa a côr, se és bella
por teu meigo sorriso,
que encerra um paraíso
de luz, prazer e amor?

No estio, a creancinha
junto ao silvado chora,
ao ver, que, á negra amora,
não póde bem chegar!

— E despresado tinha,
em toda a primavera,
a flôr, que o fructo déra,
tão grato ao paladar! —

E cáe a flôr mimosa,
tão alva, do alfeneiro,
Tem um viver ligeiro
o alvissimo jasmim!

— E acaso a mariposa,
ao segredar amores,
só busca as alvas flores
no campo e no jardim? —

E tens meiga ternura
nas fallas, nos gracejos,
que accendem mil desejos,
de te escutar, ó flôr!

Augmenta a formosura
em ti, se estás eórada,
e assim, mais engraçada,
inspiras mais amor!

As tuas negras tranças,
teu collo tão formoso
e o corpo teu airoso
são magicas prisões!

— E, quando, ás vezes, lanças
dos olhos, vivas chammas,
de amor tu logo inflamas
marmóreos corações! —

Bem sabes, que eu só quero,
que gozes de alegria.

— E acaso eu te podia
com *graças* offender? —

Eu sempre fui sincéro.
Chamando-te trigueira,
só quiz, d'esta maneira,
mais *graças* em ti vèr!

Não fiques desgostosa!
A côr muito nevada
não é tão engraçada,
como a trigueira côr.

— Trigueira —és mais formosa,

— E quem te escutaria
e, logo, deixaria
de consagrar-te amor? —

(Dos meus ineditos)

RANGEL DE QUADROS.

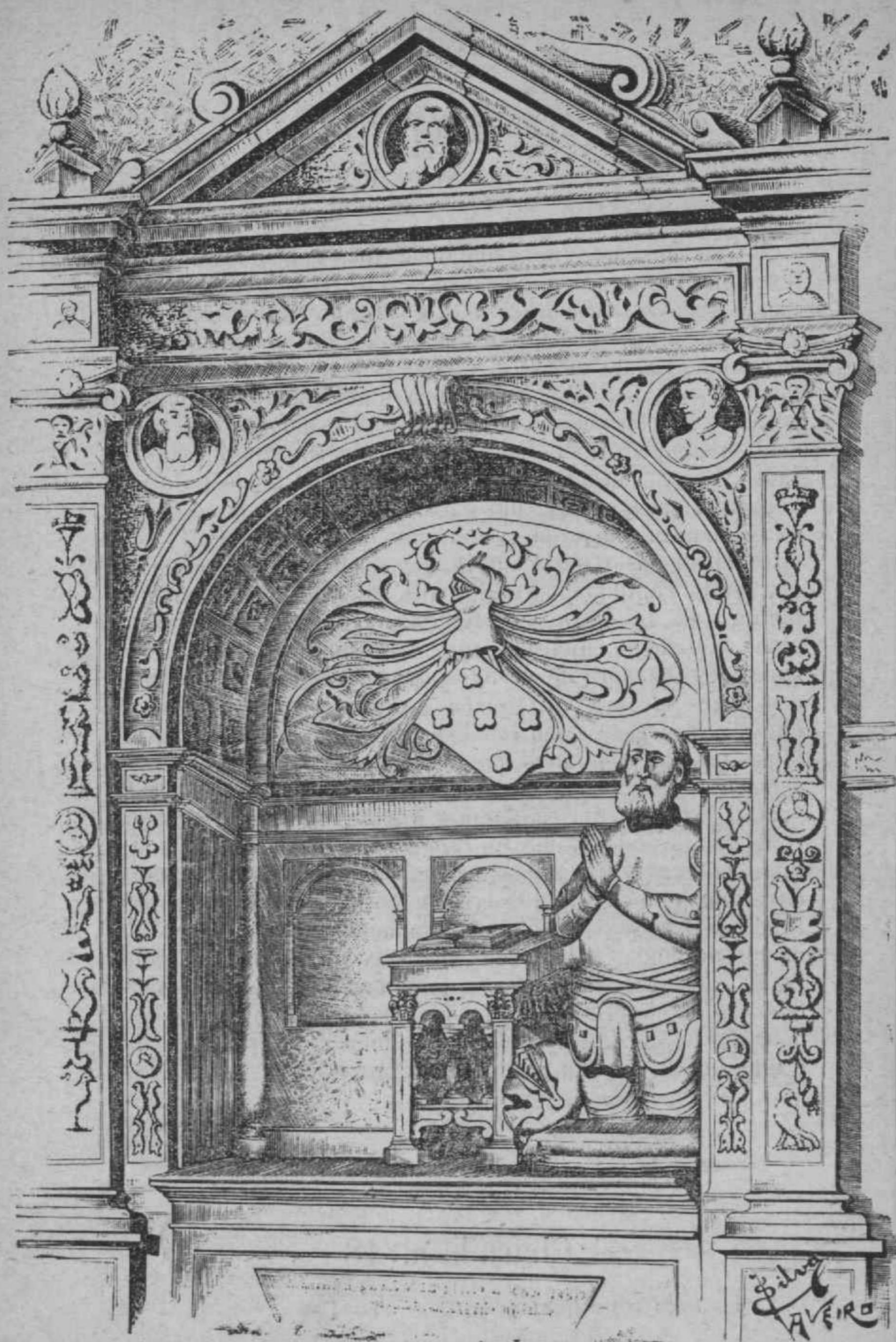
O MISCARO

Com uns ares de sympathia, mas ridiculo, ainda que levemente, o *miscaro* pertence á *jeunesse dorée*, synthetizando todavia a ociosidade e a vaidade. Deslumbrado pela culminancia da situação em que se crê elevado, dissipa com a manutencia de amantes, e com as louçanias do luxo e da moda a sua legitima, e alardeia uma abundancia que não possue. Ordinariamente o *miscaro* foi estudante que nunca soube demonstrar um theorema. E' *sportman*. Ama as touzadas. Desce á arena e, ás vezes pallido de medo e de vergonha, chega a espetar um par de farpas no dorso d'um boi quasi manso. Corre no velodromo, joga o *foot ball*; sabe fazer elevações n'um trapesio, joga o billiar, e é republicano, lendo contudo poucos jornaes, mas bastantes romances baratos. E' *D. Juan* mui feliz, e um dos seus olhares, ou uma amabilidade inebria e magnetiza uma creadita, a louca *sopeira*, sonhadora de vestidos novos, vestidos que as mais das vezes alcança em troco do seu amor. E' como Tenorio que o *miscaro* se celebra. Espreguiçando pelos Arcos, por lá passa o dia, esperando que passem as raparigas para quem sempre tem um galanteio, seja a ridicula servente ou a divinal tricanainha que notabilisa Aveiro. Todas são aduladas com uma estudada phrase, que parece uma amabilidade e que, ás vezes, é uma insolencia — phrase a que algumas correspondem com um sorriso e outras com um silencioso desdem. O *miscaro*, simulando modestia, é vaidoso, e, affectando profundas habilitações, escarnece de tudo e de todos. Emfim pertencendo á classe dos elegantes, dos estroinas e dos que se divertem, olvida o passado e o porvir e, salvo honrozias excepções, pois alguns são bons rapazes, o *miscaro* é uma entidade nulla porque nada faz.

M. DA COSTA.

Charada n.º 48

No servo e no homem instrue—1—1



TUMULO DE DUARTE DE LEMOS

A estatua que se vê sobre o tumulo que a presente gravura representa é a d'um dos mais exforçados paladinos da causa da patria, d'um partidario intemerato do Prior do Crato. Aquelle guerreiro da idade media, mudo, de joelhos e mãos postas é Duarte de Lemos, 5.º senhor da Trofa de quem se conta este rasgo de acendrado patriotismo:

Em 1582 sahindo de Coimbra e chegando a meio da ponte, viu entrar por ella, do lado opposto, D. Philippe II de Hespanha. Preferindo a morte a tirar o chapéu ao usurpador, se atirou a cavallo da ponte abaixo, com grande pasmo e admiração do rei e seus cortezãos. Deleve-se o cortejo, e perguntando o rei aos que o rodeavam quem era o temerario cavalleiro e informado por elles, exclamou: «E' raiva de Goes!» (1)

D'elle tambem se refere este outro facto que é prova da sua extraordinaria força.

Para evitar a perseguição que lhe moviam as justiças de Castella pois desejavam encarceral-o, disfarçou-se em lavrador. Um dia para o disfarce ser maior, mais completo, andou abrindo regos n'um campo com um arado. Passou n'essa occasião uma escolta encarregada de o levar preso, e o commandante d'ella perguntou-lhe qual o caminho mais curto para o solar da Trofa. Duarte Lemos deu-se pressa em lhe responder, erguendo n'uma das mãos o arado e com elle designou-lhe a sua casa. Os soldados aterrados, seguiram rumo diverso deixando-o em liberdade, não obstante o haverem adquirido a certeza de que estavam em frente de quem buscavam.

O tumulo é um dos quatro que ornã a capella-mór da egreja da Trofa, no visinho concelho de Agueda, antigo oratorio do solar dos Lemos, mandada construir pelo proprio Duarte de Lemos em 1584. A capella é toda de calcareo de Ançã e em estylo Renascença. Nas molduras interseccionaes dos artezões ou ribetes que formam a abobada ha pequenos escudos com o brazão dos Lemos—em campo vermelho cinco quadernas de crescentes de ouro em santor, o mesmo brazão que se vê na gravura.

MARQUES GOMES.

(1) Duarte de Lemos é descendente dos senhores de Goes, figadaes inimigos de Castella,

Breves traços sobre a reforma Christã

Um ponto luminoso assignal-a a historia da humanidade — é a Creação.

D'ahi irradia, fulgurante e bella, a serie quasi immensa de seres e phenomenos que exuberantemente e harmonicamente povoam o palco do universo; d'ahi procedem as tradições gloriosas d'um—*fiat*—divino, que pronunciado na plenitude da eternidade d'um Deus, teve no tempo a mais bella e grandiosa realisação. Depois, feito o mundo na existencia já criada do espaço, o seu desfilar na carreira vertiginosa do tempo, a multiplicação assombrosa das especies, o seu continuo aperfeiçoamento, o cerebro humano na produção das maravilhas intellectuaes, o genio divinizando-se pelo talento e occupando na escala dos seres o logar que lhe compete, são inquestionavelmente a realidade effectiva do mais authentico e miraculoso progresso. A multiplicação, porém, da humanidade e a lucta que este facto importava, desequilibrou o correr sereno do mundo, occasionando por vezes plena anarchia no mundo das ideias e no vastissimo campo dos costumes e da moralidade. Germinada desde o berço a bilis terrivel da parcialidade e do orgulho, lançada lá mesmo no Eden pelos proto-parentes, a veenosa semente tornou-se esmagadora na existencia ondulosa e perturbada das gerações seguintes. A oppressão do grande contra o pequeno e a revolta do pequeno contra o grande, chocando-se em continuas alternativas, encheram por vezes de sangue numerosas extensões do globo. E ao passo que o homem procurava alargar a esphera dos conhecimentos e a area dos seus dominios, ascendia quasi inconscientemente no tremendo lodaçal da indignidade. N'este vacillar o mundo tendia a submergir-se no abysmo de todas as indignidades e abjecções, urgindo a evidente necessidade d'uma reforma — a reforma christã — preconisada havia muito pelos sustentaculos impollutos da verdade — a revelação tradita e escripta.

Chegou quando o mundo, embora vicioso e corrupto, tinha ainda força para se oppor, como leão desesperado, á destruição do elemento velho e vicioso sobre cujas ruinas se devia edificar o novo mundo social.

No entanto, por difficil que a empreza realmente fosse

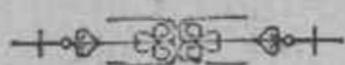
e por fracos que os seus obreiros se affigurassem, é certo que um Deus n'uma Cruz fez essa obra immensa e incomparavel que os seculos contemplam e a eternidade justificará — o Christianismo.

CRUZ.



Charada n.º 19

No tribunal este vestido é instrumento—1—2.



N'um tribunal :

— A testemunha viu o réu fazer gestos deshonestos?

— Saiba v. ex.^a que sim.

— Faça lá um d'esses gestos.

— Isso é que eu não faço, sr. juiz!

— Faça, ou mando-o autoar. Ao tribunal não se deve occultar coisa alguma.

A testemunha vae preparar-se para fazer um gesto que o leitor facilmente avaliará...

— Volte-se alli para os srs. jurados, porque são elles que teem de julgar o facto,

Esta *mulher* encontrei—5—12—6—5

N'um *logar delicioso*—2—1—7—6

Em canto *melodioso*—10—5—4—9—14—3—14

N'uma *alliança* lhe fallei—8—5—3—5—10—11—12—13—14.

CONCEITO

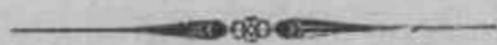
Este logogripho

E' facil de matar

Vejam em *presumpção*

Que hão de encontrar.

Cruz



Charada n.º 20

Não pára na musica esta flôr—2—1.

PARAFASE

«De teu caule sacudida,
 Pobre folha ressequida,
 Onde vaes, dize?»—«Onde vou?
 Não sei. O raio quebrou
 O roble que me prendia.
 Levam-me desde esse dia
 Vendaal ou branda aragem.
 Vou na eterna voragem
 Insensível, descuidosa,
 Vou onde tudo vae dar,
 Onde do lyrio e da rosa
 Vão sempre as folhas parar».

VISCONDE D'ALEMQUER


 ROSMARIÑO

Rosmariño
 Violetas
 Amores perfeitos

Dhalias
 Aguceiras
 Boninas
 Lirios
 Jasmins

Flores De laranjeira
 Camélias

Magnolias
 Margaritas
 Verbenas
 Alecrim do norte
 Gó-vos
 Malmiqueres
 Tulipas
 Lilazes
 Rozas

JOSÉ DE PINHO.


 FIM

ANNUNCIOS

E' bom saber-se



Que na PHARMACIA CENTRAL de Francisco da Luz & Filho se empregam, na preparação dos medicamentos, artigos de primeira qualidade, vindos de casas respeitaveis, como as de Merck, Darrasse, etc.

Que a Companhia Portugueza *Hygiene*, antiga casa Estacio & C.^a, tem o deposito dos seus productos, n'esta cidade, na PHARMACIA CENTRAL de Francisco da Luz & Filho. Entre estes productos avultam os vinhos medicinaes, as perolas gelatinosas, artigos antisepticos, artigos de perfumaria hygienica, etc., etc.

Que os medicamentos granulados de Emilio Fragoso e Machado, certamente os que mais acceitação tem tido da classe medica, se encontram igualmente em deposito na PHARMACIA CENTRAL de Francisco da Luz & Filho.

Que na mesma Pharmacia se acham em deposito mais os seguintes preparados: — Licor depurativo do Medico Quintella, Callicida Franco, Xarope de phellandrio composto de Rosa, Vinho de extracto de figados de bacalhau com hypophosphitos, de Serra, etc., etc.

Que ha sempre um sortido d'aguas mineraes, entre as quaes =Aguas de Vidago, das Pedras Salgadas, de Carabaña, de Sedelitz, de Hunyadi Janos, das Caldas da Rainha, etc., etc.

Que recebe directamente d'Allemanha, meias elasticas para varises, mamadeiras, irrigadores, seringas Eguisier, Alpha e outros systemas, algalias, extractores de leite, fundas e muitos outros artigos.

Que está sempre sortida dos preparados estrangeiros e nacionaes de reconhecido merito, taes como: lenticulas de Figueiredo, preparados de Brandão, ditos de Magalhães, ditos de Franco, Filhos, ditos de Ayer, Emulsão de Scott, Rebuçados milagrosos, Rebuçados Beneditinos, Sedelitz Chanteaud, etc., etc.

AVEIRO

PHARMACIA CENTRAL de Francisco da Luz & Filho

Rua dos Mercadores
